

**LEIDENIRA HEZOIZOKEMAIRO**

**ARTE DA CERÂMICA *HALITI*-PARESI: SABERES, MEMÓRIA E ORALIDADE NA  
ESCOLA**

Barra do Bugres-MT  
2025

LEIDENIRA HEZOIZOKEMAIRO

**ARTE DA CERÂMICA *HALITI*-PARESI: SABERES, MEMÓRIA E ORALIDADE NA ESCOLA**

Dissertação do Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECII) da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, Campus Universitário Dep. Est. Renê Barbour, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em “Ensino em Contexto Indígena Intercultural”.

**Orientadora:** Profa. Dra. Mônica Cidele da Cruz

Barra do Bugres-MT

2025

H622a Hezoizokemairo, Leidenira.

ARTE DA CERÂMICA HALITI-PARESI: SABERES, MEMÓRIAS E ORALIDADE  
NA ESCOLA / Leidenira Hezoizokemairo. - Barra do Bugres, 2025.  
101f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes  
Maldonado", Ensino em Contexto Indígena Intercultural/BBG-PPGECII  
- Barra do Bugres - Mestrado Profissional, Campus Universitário  
De Barra Do Bugres "Deputado Renê Barbour".

Orientador: Mônica Cidele da Cruz.

1. Cerâmica Haliti-Paresi. 2. Saberes Tradicionais. 3.  
Oralidade. 4. Língua Materna Haliti. I. Cruz, Mônica Cidele da.  
II. Título.

UNEMAT / MTSCB

CDU 666.3:39

LEIDENIRA HEZOIZOKEMAIRO

ARTE DA CERÂMICA *HALITI-PARESI*: SABERES, MEMÓRIA E ORALIDADE NA  
ESCOLA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGEICII - da Universidade do Estado de Mato Grosso “Carlos Alberto Reyes Maldonado”, Câmpus Universitário de Barra do Bugres - MT “Dep. Est. Renê Barbour”, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovada em 17 de novembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente  
 **MÔNICA CIDELE DA CRUZ**  
Data: 17/11/2025 18:30:49-0300  
Verifique em <https://validar.br.gov.br>

---

**Profa. Dra. Mônica Cidele da Cruz**  
**Orientadora (UNEMAT/PPGEICII)**

Documento assinado digitalmente  
 **CLAUDIA LANDIN NEGREIROS**  
Data: 18/11/2025 22:38:43-0300  
Verifique em <https://validar.br.gov.br>

---

**Profa. Dra. Cláudia Landin Negreiros**  
**Examinadora Interna (UNEMAT/PPGEICII)**

Documento assinado digitalmente  
 **ADIR CASARO NASCIMENTO**  
Data: 18/11/2025 12:03:16-0300  
Verifique em <https://validar.br.gov.br>

---

**Profa. Dra. Adir Casaro Nascimento**  
**Examinadora Externa (UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO - UCDB)**

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a minha família que, desde o primeiro momento, acreditou em mim. À família Zaloizore e Okenazokie que, mesmo com muitas dificuldades, estiveram e estão comigo. Aos meus irmãos que sempre estiveram comigo, quero agradecer a força que me deram para não desistir.

Também, quero agradecer à Escola Municipal Indígena Quatro Cachoeiras, à comunidade local, professores e professoras que cederam o espaço para que eu pudesse realizar minha prática pedagógica. Sou muito grata por eles abrirem as portas da escola, e estou muito feliz em representar a escola Quatro Cachoeiras. Faço um agradecimento especial aos alunos e alunas que fizeram parte desse trabalho.

Sou muita grata ao meu avô Narciso Kazoiza e a minha irmã Neiva Nenezokaero que estiveram comigo, desde o primeiro momento. Agradeço imensamente a eles por acreditarem no meu trabalho.

Quero agradecer, também, ao PPGEII/UNEMAT, a todos os professores e professoras que me ajudaram e estão me ajudando nesse sonho. No sonho de uma menina que passou por muitas dificuldades e está passando, para tornar esse sonho em realidade.

Agradeço aos meus colegas de sala, principalmente, aos meus irmãos Taropa, Eliwelton, Raquel, Wamen, Marinês e todos os meus colegas da sala que sempre me deram força para eu não desistir.

Também agradeço a minha orientadora que, desde o primeiro momento, acreditou mim, a professora Mônica Cidele da Cruz, que me fez acreditar que nunca estamos sozinhos nos momentos difíceis. Agradeço a professora Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira. Obrigada por me ensinar que quando as pessoas colocarem muitas dificuldades na nossa frente, nós temos que cantar e dançar, porque amanhã já é outro dia. Aprendi com vocês como multiplicar amor ao próximo, vocês são duas anjas que apareceram na minha vida. *Kalore nawaitya nawenane kikawa, iyautyakidya, txidyaine*. Sou muito grata por conhecer as professoras que me ensinaram que desistir não é a melhor opção, mas sim, correr contra o tempo e fazer acontecer nossos sonhos.

Agradeço a *Enore*, nosso Deus, por tudo. Agradeço aos meus pais, Carlos Eduardo Zoloizore (*in memorian*) e Celene Zazonazokaero, Carlito Okenazokie e Luciana Nezokemairo. “Pai, aqui vai uma mensagem de uma menina que aprendeu lutar com você: já se passaram dois anos que sua menina está mestrando, mas em nenhum momento me senti sozinha. O senhor é minha fortaleza, obrigada por estar aqui hoje! Se um dia me perguntarem quem foi minha

inspiração, sempre vou dizer que foi meu pai, que esse sonho não é só meu, mas o seu também. Esses dois anos não foram fáceis para mim, cada viagem que eu fazia, sempre falava para minha Nossa Senhora cuidar do senhor para mim.

Agradeço ao Neudson Onazokae que sempre esteve do meu lado, que me acompanhou desde o primeiro momento. Só ele sabe das noites mal dormidas, dos momentos difíceis que passei, pois sempre esteve do meu lado, um companheiro que, apesar de muitas dificuldades, esteve comigo. Sou grata pelo apoio que ele me deu, uma pessoa incrível que faz parte da minha trajetória. Agradeço aos meus filhos, também, motivos da minha força, pois sempre estiveram comigo.

Minha força e resiliência estão aqui apresentadas nesse trabalho, que é de grande importância na minha vida e, também, para o meu povo *Haliti-Paresi*.

*Ehekore!*

## EHOHITSAKWANE TAHI

Eye hateniti, kahotitsaka zazalitsati naho:Zaotyakiye zakotinae zoaha eye Emainikene wenati tahi. Hoka eye zaotyakitsati mahalitire hohitsakwane ako namohena PPGECH/ UNEMAT, Barra do Bugre- MT, hokatyo maihya eyehare wikwamaniyere zematyo witsaonita eye hare winityohalitidyanae nidaiyene aho kawenatyakita, ezahe kalini eye omati tahi yakahare notyoma nazaidyatya, nekwaotyakahitiata ezakaihakalaha zema ekakwaha eyehare zema witsaonita. Aitereze zakore mahalitiharene nitinihare winikoni tyaona hoka wimaotyane eyehare omane, hokotya omati akoeneatyo winiyakaidya witsomitaine oloniti, one, hare wakwolaitaine kalini atyo mahalitihare nitinihareako taitehena wikanakaidita e wolone kaomatyakita kalini ali namohitita eyehere wawenane tahi. Tohiya wiyekohatse Joao Arrezomae ekwaotyakehetene aokowine hoka hatyozoaka maiha hatyonae eketa kaokihitita 1990 ezoakiya hatyozoakiyaene ekwatyakehetene mahetaine. Tyotya inityohalitinae kakwa haidyane moka eyehare omati tahi hatyohare wikwamaniyere zema kawenatyaka maheta wiyomalanae wikwamaniyere kakwa witso halitinae atyo eyehare zema wawenane, wiyako wayatelikitsa maheta zaotyakitsati zema hoka witso haliti waiyatelikitsa wiyoiymalanae. Eye notyomitere hotikitxita eyehare wikwamaniyere zemaite maiha kamaotyantikxetere harenae eye hare zema kazotyakehena, waiyatelikeyehena wiyako, wiyatyakidyaharenae, wiyomalanae, eyeharenae zemaite waototahena ezahe hoka wayiorehetehenaha enomanaha eyehare wikwamaniyere kinyatere tayohena. Hokotya kalini eye omati tahi notyomita hoka eyehare zema wiyatyakidyaharenae kinyatere wiyako idyaehenaha. Hokotya eye omati tahi zaotyakitsatiye notyomita wiyatyakidyaharenana eyehare zemaite wiyoiymahalididyanae hatoyitsaha aiyatelikiyehena eyehare wawenane,wikwamaniyere wiyako aiyatelikehena hoka waiye zaotyakiye tyaohena witso haliti atyo witsaonita waotyakitxita, winityodyanae zaotyakidya zema kawenatyakita.

**Idyaeti ekaitserharetsenae:** Omati Haliti-Paresi; Zaotyakidyamaniya; Witso; Haliti Wikwamanya Wiyako.

## RESUMO

Esta dissertação, vinculada à linha de pesquisa *Ensino e Linguagens em Contexto Intercultural* do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural-PPGECII/UNEMAT – Campus de Barra do Bugres-MT, tem como objetivo principal, por meio de uma prática pedagógica, e de forma transdisciplinar, retomar os conhecimentos orais sobre a cerâmica *Haliti*, com base na memória dos anciãos do nosso povo. A pesquisa busca, ainda, reforçar o papel da escola indígena como espaço de fortalecimento cultural e linguístico, tomando como referência os antigos processos e saberes relacionados à confecção tradicional da arte cerâmica *Haliti*, especialmente, da panela de barro. Historicamente, o uso da cerâmica ocupou um lugar central em nossa vida cotidiana e espiritual, mas, com o contato com os não indígenas e a introdução de utensílios de alumínio, essa prática foi gradualmente abandonada. O movimento de retomada dessa arte se intensificou a partir da década de 1990, impulsionado por lideranças e anciãos, como o cacique João Arrezomae, que reconheceram a importância de reavivar essa tradição. Assim, a pesquisa se justifica pela necessidade de retomar a memória dos antigos e valorizar os saberes ancestrais sobre essa arte, os quais representam um patrimônio cultural e identitário do nosso povo *Haliti-Paresi*. O percurso metodológico foi orientado tanto pelos modos tradicionais de pesquisa do nosso povo *Haliti*, baseados na escuta dos mais velhos, quanto pelos referenciais teóricos de Paulo Freire, que nos mostra que ensinar e pesquisar são ações inseparáveis. Os resultados apontam que a retomada de nossos conhecimentos milenares adormecidos, em especial, da cerâmica *Haliti*, ajuda a fortalecer o uso de nossa língua *Haliti-Paresi*, promove a valorização da identidade cultural e possibilita uma prática educativa libertadora, em que os estudantes se tornam sujeitos ativos no processo de aprendizado. Além disso, a pesquisa provocou, em mim, enquanto professora e *haloti*, a preocupação com o uso de nossa língua materna *Haliti*, porque o português vem se tornando predominante entre as novas gerações. Nesse contexto, a escola assume um papel fundamental na revitalização linguística e cultural, servindo como ponte entre os saberes tradicionais e o conhecimento escolar. Um outro ponto importante que destaco aqui, também, é o produto educacional, em forma de catálogo, elaborado durante prática pedagógica desenvolvida em conjunto com as crianças, anciãos e comunidade. Este catálogo é, portanto, um registro e, também, um convite para que nossas crianças e jovens possam continuar aprendendo com o barro, com a palavra e com a sabedoria dos nossos anciãos e anciãs, fortalecendo nossa língua, nossa cultura e nossa maneira *Haliti* de viver e ensinar.

**Palavras-chave:** Cerâmica *Haliti-Paresi*; Saberes Tradicionais; Oralidade; Língua Materna *Haliti*.

## ABSTRACT

This dissertation, linked to the research line Teaching and Languages in an Intercultural Context of the Graduate Program in Teaching in an Intercultural Indigenous Context-PPGECII/UNEMAT – Barra do Bugres Campus-MT, has as its main objective, through pedagogical practice and in a transdisciplinary manner, to revive oral knowledge about Haliti pottery, based on the memories of our people's elders. The research also seeks to reinforce the role of indigenous schools as spaces for cultural and linguistic strengthening, taking as a reference the ancient processes and knowledge related to the traditional production of Haliti pottery, especially clay pots. Historically, the use of ceramics occupied a central place in our daily and spiritual lives, but with contact with non-indigenous people and the introduction of aluminum utensils, this practice was gradually abandoned. The movement to revive this art intensified in the 1990s, driven by leaders and elders, such as Chief João Arrezomae, who recognized the importance of reviving this tradition. Thus, the research is justified by the need to revive the memory of the ancients and value the ancestral knowledge about this art, which represents the cultural heritage and identity of our Haliti-Paresi people. The methodological approach was guided both by the traditional research methods of our Haliti people, based on listening to our elders, and by the theoretical references of Paulo Freire, who shows us that teaching and research are inseparable actions. The results indicate that reviving our dormant ancient knowledge, especially Haliti pottery, helps strengthen the use of our Haliti-Paresi language, promotes the appreciation of cultural identity, and enables a liberating educational practice in which students become active participants in the learning process. In addition, the research sparked in me, as a teacher and Haloti, a concern about the use of our Haliti mother tongue, because Portuguese is becoming predominant among the younger generations. In this context, the school plays a fundamental role in linguistic and cultural revitalization, serving as a bridge between traditional knowledge and school knowledge. Another important point that I would like to highlight here is the educational product, in the form of a catalog, developed during pedagogical practice carried out in conjunction with children, elders, and the community. This catalog is, therefore, a record and also an invitation for our children and young people to continue learning with clay, with words, and with the wisdom of our elders, strengthening our language, our culture, and our Haliti way of living and teaching.

**Keywords:** Haliti-Paresi Pottery; Traditional Knowledge; Orality; Haliti Mother Tongue.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                      |    |
|----------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1: Eu e meu pai Carlos Eduardo Zoloizore.....                 | 14 |
| Figura 2: Mapa das Terras Indígenas Paresi.....                      | 15 |
| Figura 3: <i>Hati</i> (casa tradicional) e casa de alvenaria.....    | 20 |
| Figura 4: Criança <i>Haliti</i> aprendendo a fazer chicha.....       | 22 |
| Figura 5: Trecho do livro “História Natural-Ethnographia” .....      | 27 |
| Figura 6: Pedacos de cerâmica e panela preservada.....               | 28 |
| Figura 7: Pintura corporal - <i>Menetse mokotse zaidya</i> .....     | 29 |
| Figura 8: Entrevista com o ancião Narcizo Kazoiza.....               | 30 |
| Figura 9: Escola Municipal Indígena Quatro Cachoeiras.....           | 34 |
| Figura 10: Apresentação do tema de pesquisa aos alunos e alunas..... | 35 |
| Figura 11: Roda de conversa com o ancião Narcizo Kazoiza.....        | 37 |
| Figura 12: Rumo à pesquisa de campo.....                             | 40 |
| Figura 13: Coleta da <i>katolo</i> (babosa) .....                    | 41 |
| Figura 14: Coleta do <i>kamohetse iyomehero</i> (barro).....         | 42 |
| Figura 15: Coleta da casca de morcegueira.....                       | 43 |
| Figura 16: Queima da casca de morcegueira.....                       | 44 |
| Figura 17: Preparação do barro.....                                  | 45 |
| Figura 18: Pessoas da comunidade com a mão no barro.....             | 46 |
| Figura 19: Crianças confeccionando a panela barro.....               | 47 |
| Figura 20: Atividade de escrita na língua materna.....               | 48 |
| Figura 21: Ilustração da pesquisa de campo feita pelas crianças..... | 48 |

## SUMÁRIO

|                                                                                                               |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....                                                                                       | 9   |
| <b>Primeiramente, eu me apresento a você...</b> .....                                                         | 12  |
| <b>1 SOBRE O MEU POVO <i>HALITI</i>-PARESI</b> .....                                                          | 14  |
| 1.1 Uma breve contextualização sobre o meu povo sob o olhar de um ancião .....                                | 17  |
| <b>2 EDUCAÇÃO TRADICIONAL EM DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO ESCOLAR <i>HALITI</i></b> .....                           | 22  |
| 2.1 Educação <i>Haliti</i> no dia a dia de nossa aldeia.....                                                  | 22  |
| 2.2 Os saberes <i>Haliti</i> no currículo da escola .....                                                     | 33  |
| <b>3 RELATO DESCRITIVO DE MINHA PRÁTICA PEDAGÓGICA</b> .....                                                  | 22  |
| 3.1 Início da minha prática pedagógica: a cerâmica <i>Haliti</i> -Paresi na memória do ancião e da anciã..... | 22  |
| 3.2 A cerâmica na memória dos anciãos .....                                                                   | 240 |
| 3.3 A segunda parte da minha prática pedagógica: os saberes ancestrais da arte da cerâmica na escola.....     | 33  |
| 3.4 Escola da aldeia Quatro Cachoeiras .....                                                                  | 35  |
| 3.5 Minha prática pedagógica na escola .....                                                                  | 39  |
| 3.6 Pesquisa de campo: coleta da matéria-prima.....                                                           | 39  |
| 3.7 Preparação do material coletado.....                                                                      | 45  |
| 3.8 Confeção da cerâmica.....                                                                                 | 46  |
| 3.9 Nomeando os objetos na língua materna <i>Haliti</i> .....                                                 | 49  |
| <b>4. COMO ELABORAMOS NOSSO PRODUTO EDUCACIONAL</b> .....                                                     | 49  |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....                                                                           | 54  |
| <b>6 REFERÊNCIAS</b> .....                                                                                    | 54  |
| 6.1 Mestres <i>Haliti</i> -Paresi .....                                                                       | 55  |
| <b>APÊNDICE</b> .....                                                                                         | 56  |

## INTRODUÇÃO

Este trabalho se insere na linha de pesquisa “Ensino e Linguagens em Contexto Intercultural”, do programa de pós-graduação em nível de mestrado profissional, “Ensino em Contexto Indígena Intercultural -PPGECII/UNEMAT, campus universitário de Barra do Bugres-MT. Ele tem como objetivo principal, por meio de uma prática pedagógica e, de forma transdisciplinar, retomar os conhecimentos orais sobre a cerâmica *Haliti*, a partir da memória de nossos anciãos. Somado a isso, queremos reforçar, ainda, a importância de ter a escola como meio de fortalecimento e retomada cultural, tomando como referência os antigos processos e saberes do meu povo *Haliti-Paresi* sobre a confecção da panela de barro.

Historicamente, para o nosso povo *Haliti-Paresi*, era muito importante o uso da cerâmica, mas, com o passar do tempo, como algumas outras práticas, esse uso foi se perdendo, porque depois do contato com os não indígenas viemos a usar as panelas de alumínio.

A preocupação com a retomada da confecção da cerâmica entre o povo começou a aparecer mais fortemente nos anos 1990 do século passado, quando o último cacique geral do povo *Haliti-Paresi*, o senhor João Arrezomae, tentou retomar os processos tradicionais para fazer a panela de barro. Portanto, essa pesquisa se justifica, porque está relacionada a grande importância de se retomar a memória dos antigos e os conhecimentos sobre o trabalho com o barro. Essa importância se verifica no interesse que as lideranças, principalmente, os anciãos, tinham e têm em retomar a história da cerâmica.

E, por fim, para mim, tem muito significado, porque sou professora e neta de mulheres *Haliti* que faziam panela de barro. Entendo que posso contribuir nessa tarefa de ajudar nos processos de retomada de um conhecimento que está se perdendo e que posso fazer isso acompanhada de outros professores, posso fazer junto com a comunidade e com anciãos do povo *Haliti-Paresi*.

Eu vejo que, assim como eu, outros professores estão buscando mais conhecimento tradicional para trabalhar com o nosso povo e temos urgência para fazer isso, já que os mais velhos que são os nossos livros estão se fechando. Considero esta pesquisa dentro da abordagem qualitativa (André, 2003) e participante e, também, do tipo etnográfica porque, enquanto professora *Haliti-Paresi*, descrevo a prática pedagógica na qual estou inserida, juntamente com meus alunos(as), anciãos e comunidade. Inicialmente, para a escrita de minha dissertação e do produto educacional que propus, fiz um levantamento bibliográfico que trata sobre o tema de

minha pesquisa, e de nossa pedagogia *Haliti-Paresi*. Esse levantamento foi necessário, porque ajudou numa melhor compreensão do tema da pesquisa e da elaboração do produto educacional.

E nesse percurso metodológico, tomei como inspiração a tradição de fazer pesquisa do/com meu povo que sempre valoriza na educação escolar os conhecimentos dos mais velhos, as entrevistas, as palestras na escola e, também, as discussões teóricas do professor Paulo Freire que mostram a importância da pesquisa na educação escolar, pois “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (Freire, 1996, p. 16).

Compreendo que, por meio da pesquisa, podemos valorizar, ressignificar nossos saberes ancestrais, e construir novos conhecimentos de forma crítica e transformadora, considerando nosso jeito de compreender o mundo, de acordo com nossa cosmologia. E nesse processo de ensinar com pesquisa, permitimos aos nossos alunos que eles sejam sujeitos ativos na construção do saber e, enquanto professor pesquisador, podemos aprender com os saberes dos nossos estudantes para reinventar a realidade e promover uma educação libertadora (Freire, 1996).

De acordo com dados da Casa de Apoio à Saúde Indígena-CASAI de Tangará da Serra-MT, levantados neste ano de 2025, estamos distribuídos em nove territórios, num total de 100 aldeias, com mais de 2.539 pessoas<sup>1</sup>. Grande parte do nosso povo é falante da língua *Haliti-Paresi*, da família Aruak, um dos principais pontos de preservação da nossa identidade. Digo grande parte porque há comunidades em que o português já é falado como primeira língua, portanto, a situação sociolinguística entre nós difere de território para território e mesmo de aldeia para aldeia.

Diante disso, há uma grande preocupação entre nós, quanto ao deslocamento de nossa língua materna, que está cada vez mais sendo ‘engolida’ pelo português, principalmente, porque as crianças e jovens estão usando mais a língua do colonizador em nosso dia a dia. A transmissão intergeracional já não é tão forte entre nós, *Haliti-Paresi*, consequência disso é que a maioria das crianças chegam na escola falando o português como primeira língua. Por conta dessa realidade e, enquanto professora *Haliti*, me preocupo com o risco de desaparecimento total de nossa língua materna. Nesse sentido, vejo a escola como um espaço significativo para desenvolver ações de ensino que contribuam para a manutenção e fortalecimento de nossa língua e demais saberes do meu povo. Para ajudar nesse processo, o diálogo e a escuta dos nossos anciãos foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa que aqui realizei, cujo tema é a cerâmica *Haliti-Paresi*.

---

<sup>1</sup> Esses dados foram fornecidos pelo enfermeiro Evandro Zenazokenae, em abril de 2025.

Assim, organizei esta dissertação da seguinte maneira: após esta introdução, em que compartilho o contexto, as motivações e os objetivos que me levaram a realizar este trabalho, no primeiro capítulo, “Sobre o meu povo *Haliti-Paresi*”, apresento um breve relato sobre quem somos, trazendo a voz e a memória de um de nossos anciãos.

No segundo capítulo, “Educação tradicional em diálogo com a educação escolar *Haliti*”, busco refletir sobre como nossa forma tradicional de ensinar e aprender se relaciona com a escola indígena, mostrando que os saberes *Haliti* precisam estar presentes no currículo escolar. O terceiro capítulo, “Relato descritivo de minha prática pedagógica”, é o coração deste trabalho, onde descrevo as etapas da prática realizada na aldeia Quatro Cachoeiras, desde as conversas com os anciãos até o momento de trabalhar com as crianças o barro e a língua *Haliti*. No quarto capítulo, apresento o produto educacional, um catálogo, produzido juntamente com as crianças, anciãos e comunidade, como registro e valorização de nossos conhecimentos sobre nossa arte cerâmica. Por fim, nas considerações finais, trago minhas reflexões sobre o caminho percorrido, mostrando como este trabalho fortalece a nossa língua materna *Haliti-Paresi*, reafirma nossa identidade e o papel da escola como espaço de continuidade dos saberes e da resistência do nosso povo.

### **Primeiramente, eu me apresento a você...**

Meu nome é Leidenira Hezoizokemairo, sou filha de Carlos Eduardo Paresi e Celene Zazonazokairo. Eu nasci no ano de 1986, na aldeia *Kotitiko*, considerada a aldeia mais antiga do nosso povo *Haliti-Paresi*.

Com muita dificuldade, meu pai nos criou. Somos em nove irmãos e eu sou a filha mais velha, por isso, naqueles tempos de mais dificuldade, eu ajudei a cuidar dos meus irmãos para meus pais saírem da aldeia para trabalhar, então, só comecei a estudar com 11 anos, na primeira série.

Eu sempre gostei de estudar e, aos 13 anos, aprendi a ler. O estudo teve muita importância na minha vida, foi assim que descobri que estudar era a melhor forma de ajudar meu pai e meu povo nessa longa jornada.

Quando terminei o ensino médio, na época, eu já tinha 22 anos e eu trabalhava de faxineira na Unidade de Saúde Indígena, na aldeia Rio Verde. Foi assim que ganhava o recurso para pagar minha faculdade. Eu queria ser professora, então, fui cursar Pedagogia na Universidade de Pitágoras-Unopar. Eu fiz um curso à distância e enfrentei muitos desafios, mas nunca desisti, sempre pensando no melhor para mim e para meu povo.

Em 2017, terminei a minha graduação em Pedagogia e, em 2019, comecei a atuar como professora. Em 2023 fui escolhida pelo meu povo *Haliti-Paresi* para ser coordenadora pedagógica.

Sou mãe e esposa *Haloti*<sup>2</sup>, pertencço ao povo *Haliti*<sup>3</sup>-Paresi. Somos falantes da língua materna, da família Aruak, e desenvolvemos nossa prática docente de forma bilíngue. Os professores e professoras *Haliti-Paresi*, como eu, têm procurado melhorar a nossa educação escolar, porque o povo espera que as escolas nas aldeias sejam boas escolas e de qualidade.

Considerando minha vivência como mulher, professora e coordenadora da Escola Municipal Indígena Zozoiterô, na aldeia Rio Verde, de Tangará da Serra, eu posso afirmar que procurei oportunidade para aprender mais, e foi por isso que fui participar de cursos de formação de professores e outros projetos que tratam da educação no nosso território, como por exemplo, Alfabetiza-MT<sup>4</sup>, Saberes Indígenas na Escola, Mobilização Social pela Educação, e

---

<sup>2</sup> Mulher

<sup>3</sup> Povo

<sup>4</sup> O Alfabetiza Mato Grosso chegou a nossa aldeia em 2022, oferecendo formação para nós, professores e professoras indígenas. É um programa do governo do estado, em parceria com as prefeituras. Nós, professores e professoras *Haliti*, participamos de uma formação voltada para o planejamento de nossas atividades para a alfabetização. A ideia é que nossas crianças estejam alfabetizadas até o 2º ano do ensino fundamental, aprendendo

participei, também, das atividades do Plano de Gestão *Haliti-Paresí* e do projeto Cerâmica Artesanal e Saberes Locais da Secretaria de Cultura, o que despertou em mim o interesse e a visão de como os conhecimentos adormecidos sobre a arte de fazer cerâmica do meu povo seriam de grande proveito e importância para as escolas das aldeias.

Pretendo, ao trabalhar a “Memória e retomada da produção cerâmica entre os *Haliti-Paresí*”, em contexto escolar, assumir o dever que temos, quando aceitamos o trabalho da docência na comunidade, de participar e contribuir para os projetos mais amplos de retomada de conhecimentos adormecidos, na arte têxtil, nos jogos tradicionais e na arte de produzir artefatos culturais com o barro, a arte de fazer cerâmica que já foi muito importante para o meu povo.

Ao ajudar a organizar uma oficina de cerâmica, em 2022, para os alunos na escola da aldeia Rio Verde, eu tive esse olhar diferente para a educação e eu observei e senti que estávamos perdendo tantas coisas lindas e, por isso, estou aqui retomando esse saber, como proposta de minha pesquisa no Mestrado profissional, uma oportunidade de participar das retomadas da cultura tradicional dos *Haliti-Paresí*.

---

a ler e a escrever. Porém, o programa chega pronto, com metas e metodologia definidas, e nem sempre leva em conta a nossa cultura, nossa língua e nossas pedagogias próprias. Nós, como professores indígenas, precisamos adaptar essas propostas para que façam sentido na nossa aldeia, respeitando nossa história e nosso jeito de ensinar e aprender.

## 1 SOBRE O MEU POVO *HALITI*-PARESI

Nesse primeiro capítulo, apresento a história do meu povo *Haliti*-Paresi, a partir do olhar do senhor Carlos Eduardo Zoloizore, de 72 anos.

Figura 1: Eu e meu pai Carlos Eduardo Zoloizore



Fonte: Arquivo pessoal, 2025

Desde tempos imemoriais, nós, *Haliti*-Paresi, nos autodenominamos *Haliti*, que significa “gente” ou “pessoa”. Esse nome expressa nossa essência humana e nossa forma própria de viver e compreender o mundo. Somos *Haliti*, porque existimos em conexão com a terra, com os rios, com os espíritos da natureza e com a memória dos nossos antepassados. Assim como qualquer outro cidadão brasileiro, também, temos direitos e deveres, mas carregamos nossas especificidades culturais, econômicas e sociopolíticas, marcadas pela autossustentação e pela reciprocidade que orienta nossas relações.

Nosso território tradicional abrangia toda a região que hoje é conhecida como o médio norte de Mato Grosso. Ali, nossos antepassados viveram livres, organizados em cinco grandes subgrupos: *Kaxiniti*, *Waymare*, *Warere*, *Kozarene* e *Kawali* (este último, já extinto). Em tempos antigos, nosso povo era numeroso e ocupava extensas áreas, onde cultivava a terra, praticava rituais, produzia cerâmica e mantinha forte a língua *Haliti*. Esses conhecimentos e práticas eram transmitidos oralmente, por meio da escuta e da convivência com os mais velhos, nossos primeiros mestres.

A título de ilustração, apresento abaixo o mapa de nossas terras indígenas:

Figura 2: Mapa das Terras Indígenas Paresi



Fonte: Disponível em: <https://amazonianativa.org.br/2017/10/23/pgta-acordos-para-o-futuro/>. Acesso em: 01 de dez. 2025.

Os registros históricos indicam que o primeiro contato com os não indígenas ocorreu no século XVIII, com a chegada dos bandeirantes paulistas. Entre eles, Antônio Pires de Campos, que em 1723 enviou ao Rei de Portugal informações sobre os povos que habitavam a fronteira com o Reino da Espanha. Esse momento marcou o início de um longo processo de invasão e violência colonial, que interferiu diretamente em nossas formas de viver e de nos relacionar com o território. As frentes de exploração mineral e vegetal dos bandeirantes foram também as primeiras frentes de perseguição, aprisionamento e deslocamento do nosso povo.

Como afirma Bartolomé (2006), a colonização não foi apenas uma relação de contato, mas uma imposição violenta de um único modo de ser e conhecer o mundo, que tentou apagar as outras formas de humanidade. Para nós, *Haliti*, essa experiência significou a perda de territórios, o enfraquecimento de tradições e a imposição de novos costumes. Mesmo assim, continuamos resistindo e ressignificando nossa cultura, retomando nossas práticas e reafirmando nossa identidade. Temos, portanto, mais de 300 anos de contato com a sociedade não indígena e, durante todo esse tempo, nunca deixamos de ser *Haliti*. Resistimos não apenas com a força do corpo, mas com a força da palavra, da memória e do conhecimento que herdamos de nossos ancestrais.

Atualmente, estamos presentes em nove Territórios Indígenas, sendo quatro terras indígenas no município de Tangará da Serra: Paresi, Rio Formoso, Estivadinho e Figueira<sup>5</sup>; no município de Campo Novo, temos as seguintes terras indígenas: Utiariti e Ponte de Pedra; em Conquista D'oeste, temos a Terra Indígena Juininha; a Terra Indígena Uirapuru faz parte dos municípios de Campos de Júlio e Nova Lacerda; por fim, a Terra Indígena Estação Parecis que faz parte dos municípios de Diamantino e Nova Marilândia.

Conforme mencionei na introdução deste trabalho, com base em dados da CASAI de Tangará da Serra-MT, levantados neste ano de 2025, atualmente estamos com 100 aldeias, distribuídas nos diversos polos<sup>6</sup> *Haliti*-Paresi, com uma população total de 2.539 *Haliti* e 231 indígenas pertencentes aos povos Nambikwara, totalizando 2.770 pessoas em nosso território. Portanto, nossa população está assim distribuída:

Polo Tangará: 28 aldeias/605 pessoas

Polo Bacaval: 26 aldeias/711 pessoas

Polo Rio Verde: 21 aldeias/638 pessoas

Polo *Kolidiki*: 13 aldeias/496 pessoas

Polo Três Lagoas: 12 aldeias/ 320 pessoas

Quanto a nossa cultura, é rica em rituais, danças, pinturas corporais e vestes tradicionais, e as práticas pedagógicas procuram proporcionar uma relação viva com os conhecimentos, crenças, valores, concepções de mundo e as memórias do meu povo. Assim, elas são ações conscientes e participativas que visam atender expectativas educacionais de uma determinada comunidade.

Atualmente realizamos três festas tradicionais, uma delas é a da menina moça, que acontece quando vem a primeira menstruação da menina. Nesse ritual, os pais deixam a menina em reclusão por alguns meses ou até um ano. Nesse tempo, a menina é preparada pela mãe e pela avó, que ensinam a ela como uma menina tem que se comportar, ensinam a tecer os artesanatos, fazer chicha, entre outros saberes. Enquanto isso, a família e a comunidade da aldeia vão preparando tudo para fazer a festa tradicional. Outro ritual é o da pessoa que ficou muito doente, e a família também prepara a festa para fazer a troca de nome do doente. O batismo da criança *Haliti* também é uma prática cultural bastante forte entre nosso povo.

Nós, *Haliti*, vivemos e ensinamos nossos filhos, por meio de nossa educação tradicional que é repassada de geração a geração. Eu mesma aprendi com meus pais como fazer uma festa

<sup>5</sup> A Terra Indígena Figueira, também, faz parte do município de Barra do Bugres-MT.

<sup>6</sup> Organização da Saúde.

tradicional do meu povo, pois nascemos vivenciando a nossa cultura, assim, nossos filhos também vão aprendendo tudo sobre a nossa cultura.

As festas tradicionais do meu povo são bem rígidas, pois temos que guardar dieta, nós, mulheres, não podemos ter contato com nossos maridos até terminar a festa. Também ensinamos nossos filhos a guardar dieta junto, e isso vale para toda a família que está preparando a festa tradicional. As nossas festas são muito lindas e acontecem todos os anos, o mais bonito é a união das pessoas, ocasião em que os mais velhos se encontram depois de muito tempo, conversam entre eles e contam histórias, praticam os cantos. São momentos em que os mais velhos ensinam o que sabem; há momentos de choro, mas depois muita alegria, por terem reencontrado os parentes. São momentos em que acontecem trocas de conhecimentos com os anciãos de outras aldeias, onde a educação *Haliti* se fortalece, porque é na festa tradicional que os mais jovens se encontram, crianças se reúnem em um só lugar. As crianças praticam esportes tradicionais, brincadeiras, tomam banho de rio, imersas na cultura.

### **1.1 Uma breve contextualização do meu povo sob o olhar de um ancião**

E para saber mais sobre o meu povo, a partir do olhar de um ancião, conversei com o senhor Carlos Eduardo Zoloizore, meu pai. Essa conversa foi gravada e depois transcrita, de acordo com a fala do senhor Carlos. A primeira pergunta que fiz a ele foi em relação as nossas práticas tradicionais:

*Nós fazíamos roça de toco, plantava alimentos mandioca, arroz, feijão, antigamente era assim onde eu morava era assim. Eu tinha 25 anos na época, nós vivíamos de caca e pesca. No passado, nós praticávamos nossas festas, era sempre de dois dias, porque era muito grande e tinha muito Haliti participando da festa.*

*Nossos avós falam que saímos da Ponte de Pedra, de onde surgiram os subgrupos. Meus pais moravam em Utiariti e de lá foram para aldeia Umutina, onde eu nasci em 1953. Eu tinha 25 anos, quando chegamos na aldeia Kotitiko. Lá em Ponte Pedra é onde surgiu nossa origem, até hoje a Ponte de Pedra existe, é um lugar sagrado do nosso povo. O surgimento foi dali que nosso povo começou habitar esse chapadão, conhecido como Chapadão dos Paresi (Parecis).*

*Antigamente só tinha 20 aldeias, quando chegamos eram 200 Haliti na época. Minha finada mãe contava que o contato com não indígena foi quando passou o Rondon, foi quando o telégrafo passou na região. O meu povo só vivia de caça e pesca na época, a caça era fácil, porque nada era contaminado na época. Quando depois de ter o contato com não indígena, nossa área foi devastada por eles, nossos rios e cabeceiras foram contaminados por*

*agrotóxicos, aos poucos não indígenas foi tomando conta das áreas que nós caçávamos e pescávamos. Depois disso, foi que começamos a optar para as coisas fáceis, comprar os alimentos dos mercados, carne de boi, frangos, peixes, entre outros alimentos industrializados. Na época, nosso café da manhã era caldo de mandioca com biju, nosso almoço não tinha hora. Nossa alimentação era todo saudável, hoje em dia, é toda alimentação de não indígena, café, leite, pão, tudo comida de não indígena, onde entra comidas não saudáveis no meio do nosso povo Haliti.*

*Antigamente as famílias eram muito unidas, todo trabalho era coletivo, se trabalhava tudo junto para fazer casa, roca, entre outros afazeres, todos se ajudavam, mas hoje em dia, todo trabalho é individual, por cada família.*

*As moradias antigamente era a hati, casa tradicional do povo Haliti-Paresi, agora só alguns Haliti moram na casa, porque ficou difícil fazer uma casa tradicional. Muitos estão fazendo casa de madeira e de material, porque está difícil encontrar madeira, se encontrar é muito longe. Antigamente morava muitas famílias em uma hati, só que agora cada família constrói uma hati só pra uma família. Mudou muitas coisas das nossas vivências, na minha observação estamos esquecendo tudo que vivemos, e muitas das nossas crianças não está tendo essa vivência que vivemos antigamente. Hoje você vê que as crianças só ficam no celular, pais não se preocupa mais com educação dos seus filhos, muitos dos pais pratica a cultura, mas têm pais que só quer viver como não indígena, isso também afeta a língua materna. Muitas das crianças só quer falar só em português, isso está afetando as nossas práticas tradicionais. Antigamente nossas festas era de dois dias, hoje em dia, é muito difícil ter festas de dois dias, isso também mudou, as comidas de não indígenas entrou nas nossas festas, antigamente era só comidas típicas do nosso povo, como caça tradicionais, uma delas era a queima (kerahokore) que hoje não é mais praticado pelo nosso povo. Era muito importante para caça e festas tradicionais que nós fazíamos, hoje se modernizou as nossas práticas de caça, até os alimentos industrializados que consumimos na festa tradicional. Um exemplo, é o meu filho Kanoizokemae, de 35 anos, que só faz pesca subaquático noturno, uma pesca que não se fazia antigamente. Hoje em dia, os Haliti pescam peixe de flecha e com uma lanterna na mão, descem de barco nos rios, uma pesca de não se fazia antigamente. Faz tempo, quando tinha festa tradicional na outra aldeia, os Haliti saíam uns dias antes pra chegar na aldeia onde vai acontecer a festa tradicional. A minha finada mãe conta que todos iam andando, hoje ninguém vai mais a pé, porque todos têm carro, moto; aos poucos foi deixando todo pra traz, as tecnologias modernizaram todo. Pode observar que hoje todo está cada vez mais invisível todas as práticas tradicionais. A educação indígena Haliti está mudando, as nossas crianças estão*

*mais preocupadas em aprender as coisas de não indígena, as tecnologias de não indígena é uma delas.*

*Na espiritualidade, todo que envolve a natureza faz conexão com o espírito da nossa ancestralidade, exemplo guarda dieta, respeita o luto das pessoas que perderam os entes queridos. benzimento para criança e mulheres pós parto, isso era todo uma conexão com a natureza, todos benzimentos têm conexão com a natureza, por isso é preciso respeitar a natureza, pedir licença pra natureza, porque há os donos da natureza.*

*Os jovens de hoje não acreditam mais nos conselhos dos mais velhos, é por isso que ninguém mais tem respeito com os mais velhos, os jovens só querem saber mais das coisas de não indígenas. Antigamente pra criança ter uma educação boa, tem de respeitar os mais velhos ouvir os conselhos, até isso se perdeu. A saúde do Haliti era através de benzimentos, raízes e pajés, até hoje praticamos isso, além da saúde indígena e cuidado por não indígenas, até praticamos e acreditamos nos espíritos que cuidam de nós, através disso mantemos nossa cultura bem viva.*

É importante, retomar aqui, para uma reflexão, a seguinte fala do senhor Carlos Zoloizore: *Antigamente as famílias eram muito unidas, todo trabalho era coletivo, se trabalhava tudo junto para fazer casa, roca, entre outros afazeres, todos se ajudavam, mas hoje em dia, todo trabalho é individual, por cada família.*

Essa fala traz uma lembrança significativa sobre o antigo jeito de viver de nossas comunidades, fortemente, marcada pela coletividade e pela solidariedade comunitária. Antigamente, o trabalho não se limitava à produção material, porque era, também, um espaço de convivência, aprendizagem e transmissão de saberes entre as gerações. A construção da casa, o preparo da roça e outros afazeres cotidianos eram realizados em mutirão, fortalecendo os laços afetivos e espirituais do nosso povo.

O pensamento do ancião de que “hoje em dia todo trabalho é individual” mostra para nós as transformações trazidas pelos processos coloniais e pelas influências do mundo dos não indígenas, que introduziram valores de individualismo, propriedade e competição entre nós, enfraquecendo a coletividade presente no nosso modo de ser indígena. Essa fragmentação das relações coletivas reflete o que Freire (1996) chama de desumanização provocada por sistemas que rompem os laços de solidariedade e de pertencimento. Para Ailton Krenak (2019), essa perda do sentimento de comunidade é consequência de uma lógica de mundo que separa o ser humano da terra e dos outros seres, transformando o viver em mera sobrevivência.

E esse distanciamento do coletivo não é apenas uma mudança de prática, mas uma ruptura com um modo ancestral de existir. Assim, refletir sobre essa fala é também reconhecer

a necessidade de reafirmar o espírito comunitário como ato de resistência cultural e política, compreendendo que é na coletividade que a aldeia mantém viva a memória, a educação e a nossa continuidade como povo *Haliti*-Paresi.

E, para ilustrar o que o ancião disse sobre nossas moradias, outra questão que mudou em nosso modo de vida, trago, abaixo, uma imagem de nossa *hati* (casa tradicional) e das casas de alvenaria, já comum em nossas aldeias, hoje em dia.

Figura 3: *Hati* (casa tradicional) e casa de alvenaria



Fonte: Leidenira Hezoizokemairo, 2025

A *hati* para nós, *Haliti*, tem uma importância muito grande. É dentro dela que tudo começa, é onde nascemos, onde nossos pais nos ensinam e onde se inicia a nossa educação. A *hati* é o chão primeiro, o espaço em que aprendemos como viver na sociedade não indígena, a defender nosso território e a preservar nossa cultura.

É também dentro dela que nossos pais e avós nos orientam, aconselham e transmitem seus saberes. Eu, por exemplo, como *haloti*, sigo esse caminho, pois fui ensinada e vou ensinar também aos meus filhos e netos. A *hati* não é apenas uma moradia, mas um espaço sagrado onde podemos enterrar nossos entes queridos, realizar nossas festas tradicionais e viver em família. Dentro dela existem três esteios, que são considerados sagrados por nós e chamados de *kotaza*. O esteio central tem a forma de uma cruz. Desde pequena, aprendi com minha mãe que, ao viver em uma *hati*, é preciso fazer chicha para colocar no *kotaza*, como forma de agradecimento. Foi ali também que aprendi a importância da *hati*, porque é nesse espaço que nós, *haloti*, recebemos a primeira educação, aprendemos a tecer algodão e tucum para fazer redes e outros artesanatos.

No centro da *hati*, também, se acende o fogo, em torno do qual nos reunimos para conversar, cozinhar e nos aquecer. Eu me lembro bem de minha avó preparando o caldo ralo de mandioca, que tomávamos juntos, eram dias felizes e de muito aprendizado. Por isso, digo que dentro da *hati* nascemos, crescemos e morremos. Ela é fundamental para nós, *Haliti*.

Já a casa de alvenaria não tem o mesmo valor. Para nós, ela é apenas uma moradia usada para guardar objetos dos não indígenas, como guarda-roupa, cama, televisão, entre outros. Hoje em dia, as casas de tábuas e de alvenaria estão se espalhando nas aldeias, pois está cada vez mais difícil encontrar a matéria-prima para a construção da *hati*. Não é qualquer madeira que serve, e é preciso respeitar a fase da lua e a época certa para cortar a palha e erguer a *hati*, para que ela dure muitos anos.

Por isso, alguns *Haliti* já optam pela casa de alvenaria, que é mais fácil de conseguir, quando há condições financeiras. Muitos preferem morar em casas de alvenaria, mas ainda há aqueles que mantêm a *hati* tradicional. Em alguns casos, há as duas construções, dependendo da escolha de cada família. O maior desafio hoje é que as fazendas dos não indígenas estão cercando nossas aldeias e destruindo o cerrado e as matas, dificultando ainda mais o acesso à matéria-prima usada na construção de nossas *hati*. Isso coloca em risco a continuidade da construção das *hati* e, com ela, parte essencial da nossa cultura.

Nesse capítulo, trouxe uma breve contextualização sobre o nosso povo *Haliti-Paresi*, a seguir, discuto sobre a relação da educação *Haliti* com a nossa educação escolar, uma vez que nossa pesquisa tem como foco o ensino nas escolas indígenas.

## 2 EDUCAÇÃO TRADICIONAL EM DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO ESCOLAR *HALITI*

A seguir, trato sobre a relação entre educação tradicional e educação escolar indígena no cotidiano de nossa aldeia.

### 2.1 Educação *Haliti* no dia a dia de nossa aldeia

Nós, *Haliti*-Paresi, aprendemos desde pequenos com nossos pais e avós, pois a educação *Haliti* vem de dentro da *hati*, nossa casa tradicional. Essa educação se dá a partir de vivências com os nossos anciãos.

Desde o acordar, os conselhos que nós recebemos vêm de madrugada com outras pessoas que pertencem àquela família. Dentro da *hati* mora mais de uma família e, desde criança, aprendemos os afazeres de uma mulher, aprendemos como preparar a mandioca para fazer *oloniti* (chicha) e *zumotse* (beiju), entre outros afazeres da casa.

Figura 4: Criança *Haliti* aprendendo a fazer chicha



Fonte: Leidenira Hezoizokemairo, 2025

Essa foto ilustra a criança *Haliti* aprendendo a fazer chicha. A menina que está preparando a chicha é *Hezoizokemairoce*<sup>7</sup> de oito anos, *halotimokotse* (menina). Quando eu falo que a educação vem de casa, é porque desde pequenos nós acompanhamos nossas mães no dia a dia delas. Para preparar a chicha, seguimos um processo até a fermentação e, depois de 15

<sup>7</sup> Significa menina que mora além das águas, ou protegida pelas águas.

dias, no máximo, a bebida está pronta para o consumo nas festas tradicionais. Esse processo de preparação da chicha para as festas tradicionais é mais demorado, porque a bebida requer uma maior fermentação. Porém, para o uso no dia a dia, é diferente, pois, assim que termina o preparo da chicha, já podemos consumir.

A criança é curiosa desde pequena, fase em que aprendemos a nossa cultura, pois nossos conhecimentos vão passando de geração para geração. E tudo que eu aprendi com minha mãe, minhas tias e minha avó, vou ensinado para minha filha. E para que ela tenha uma boa educação, eu preciso estar presente no dia a dia dela. A criança é curiosa em aprender as coisas que nós fazemos dentro das nossas casas, e tudo o que fazemos ela vai querer mexer, pegar e isso é bom no processo de aprendizado. E é assim que nossas crianças *Haliti* são educadas, elas aprendem observando os mais velhos, por isso, são curiosas, e gostam de “imitar” o que estamos fazendo.

Aos quatro anos, a maioria das crianças, aprendem a nadar, correr, brincar. Digo a maioria, porque muitas crianças para tomar banho, por exemplo, usam os banheiros que hoje já temos em casa, ou também, porque parte dos pais não incentiva os filhos a essas práticas da cultura, como tomar banho no rio, ter vivência com as outras crianças nos espaços da aldeia. É no brincar de criança que se aprende os perigos, os nomes dos animais, frutas, entre outras coisas. Assim, também, elas aprendem a ter conexão com a natureza, que está dentro da nossa diversidade, ou seja, aprendem, como nos diz Paulo Freire, primeiramente, com a leitura do mundo. Depois da leitura do mundo, vem a leitura da palavra escrita (Freire, 1982).

O pátio das nossas aldeias está cheio de práticas *Haliti*, está cheio de conhecimentos e de aprendizados, assim são os saberes indígenas do meu povo *Haliti*. A minha educação, por exemplo, foi com a minha mãe, e desde pequena, eu a acompanhava na roça para buscar mandioca. Com ela aprendi como é uma preparação para fazer uma festa tradicional, como são as regras de uma festa e, com isso, passamos esses aprendizados para nossos *halitimokotsenae* (filhos).

Dentro da *hati*, aprendemos a fazer oferendas, aprendemos ter o dom dos nossos avós, por isso, acreditamos muito em espíritos dos nossos ancestrais, dos nossos avós. Com eles também aprendemos a respeitar e ganhar o respeito das nossas comunidades, somos lideranças, quando somos bem preparados pelos nossos pais, a educação que aprendemos, e a cuidar, respeitar, ensinar e ajudar. Muitos pais indígenas hoje ainda estão presentes na vida dos filhos, mas já não participam diretamente da transmissão dos saberes tradicionais. Eles acabam optando por práticas mais “fáceis” e modernas, como tomar banho no banheiro em vez do rio, deixando de lado conhecimentos e rituais ancestrais, como a cerâmica e as festas tradicionais.

Isso enfraquece a nossa educação cultural *Haliti*, que em muitos lugares está ameaçada pela rotina e pelo trabalho, que consome o tempo dos pais.

E de que maneira, então, nossa educação *Haliti* dialoga com a nossa educação escolar? Como esses saberes vão para a escola?

A geografia, por exemplo, está em todo o espaço do nosso território, e podemos trazer para a escola, ao coletarmos a matéria-prima para fazer panela de barro, exploramos os espaços do território, ensinar às nossas crianças os nomes dos lugares, nomes e nascentes dos rios que fazem parte do nosso território. Nesse espaço geográfico, também, entram as ciências da natureza com o nome dos animais, quantos e quais animais habitam aquele lugar.

Na história, podemos trabalhar sobre o surgimento do meu povo, quais regiões e lugares que moravam, como eram e como são as moradias atualmente, onde podemos ensinar nossos artefatos *Haliti*, pinturas corporais que são saberes cheios de história, podendo, também, ser trabalhados na área de Artes.

É muito importante trazer tudo isso para nossas escolas indígenas, conhecimentos tradicionais importantes, permeados pela língua materna *Haliti*. Todos os lugares têm seus nomes específicos, por exemplo, *taholiwina* significa a cabeceira do Rio Verde. Tudo isso entra nos saberes da escola indígena. A matemática está no nosso dia a dia, na construção da *hati*, em nossos grafismos, na confecção de nossos cestos, peneiras, arco e flecha; a química está no processo de fermentação da chicha, assuntos que podem ser trabalhados dialogicamente entre educação *Haliti* e educação escolar *Haliti*.

## **2.2 Os saberes *Haliti* no currículo da escola**

Antes de tratar sobre os saberes *Haliti* no currículo de nossas escolas, inicio apresentando algumas legislações que tratam da educação escolar indígena. Começo dizendo que a referência constitucional (Constituição Federal de 1988) aos direitos por uma educação escolar indígena se encontra no Artigo 210, em seu parágrafo 2, estabelece que: “O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem”.

Após a Constituição Federal, vieram outros documentos oficiais, reforçando sobre os nossos direitos a uma educação escolar indígena, específica e diferenciada, com currículos próprios, respeitando-se nossas pedagogias próprias e nossos conhecimentos tradicionais.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), por exemplo, assegura a educação escolar indígena como um direito específico, diferenciado e bilíngue, garantindo a manutenção das culturas e línguas dos povos originários. A legislação estabelece diretrizes para a criação de escolas indígenas com a participação das comunidades na gestão e no desenvolvimento de currículos que valorizam seus saberes e etnoconhecimentos, além de prever a inclusão da história e cultura indígena no currículo escolar nacional.

Um outro documento é o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas-RCNEI, publicado em 1998, com foco no bilinguismo, na interculturalidade e na valorização das culturas e identidades indígenas. O documento orienta que o ensino nas escolas indígenas valorize e fortaleça as práticas socioculturais e as línguas maternas das comunidades, em diálogo com os conhecimentos da sociedade nacional. As escolas devem ser comunitárias e o planejamento pedagógico deve contar com a participação ativa dos professores e comunidade (Brasil, 1998).

Somando às legislações anteriores, trago as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para a Educação Escolar Indígena (2012), normas estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) que visam garantir uma educação específica, diferenciada e de qualidade para os povos indígenas no Brasil, conforme assegurado pela Constituição e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), citada anteriormente. Tais legislações promovem a valorização das culturas, línguas e saberes dos povos indígenas, a participação ativa das comunidades na gestão escolar, e a formação de professores indígenas, que devem ser os principais condutores do processo educativo nas escolas de suas respectivas comunidades. Os documentos reforçam uma educação intercultural e bilíngue que fortaleça a identidade étnica, preserve os conhecimentos tradicionais e promova a autonomia das comunidades.

E, com base nessas orientações e direitos assegurados nas legislações mencionadas acima, penso ser importante tratar sobre o currículo escolar, especialmente, no que diz respeito aos saberes tradicionais no contexto da nossa educação escolar *Haliti*-Paresi.

Nas nossas escolas indígenas, o ensino é diferenciado, conforme a nossa cultura, com a participação da comunidade, juntamente, com os pais. A participação da comunidade é fundamental para a condução desse processo pedagógico.

Temos professores e professoras *Haliti* atuando em nossas escolas e, nossa educação escolar *Haliti*, parte, primeiramente de nossa cultura, considerando a realidade do meu povo e, também, trabalhamos a cultura dos não indígenas, porque temos de ensinar e aprender a

realidade dos *imuti*<sup>8</sup>. Nós, *Haliti*, precisamos aprender o português, porque temos que saber nossos direitos como indígena, pois sem a escolaridade teremos dificuldades em acessar os conhecimentos dos *imuti*.

A nossa cultura está sempre presente nos ensinamentos dos alunos e alunas, principalmente, a nossa língua materna, língua mãe do meu povo.

O português vem junto com a língua materna *Haliti*, respeitando o calendário da escola e, a partir dele, os alunos e alunas aprendem a época de plantar mandioca, a caça, a época das frutas do cerrado, a época da chuva, o dia de luto, o dia das festas tradicionais do meu povo, a época de bater timbó, entre diversos trabalhos que a comunidade desenvolve na aldeia. Tudo isso são ensinamentos que alunos e alunas aprendem no dia a dia, a partir da nossa realidade, de nossa pedagogia própria, porque nossa escola dialoga com nossos saberes tradicionais. O ensino e o aprendizado das nossas crianças estão em conexão com a natureza, com nossa cultura, com nossa espiritualidade e com nossa cosmologia, pois nós temos e nosso jeito de fazer e ensinar.

Os alunos e alunas (*halitimokotse*) aprendem tudo dentro de casa, e a escola complementa na leitura e na escrita. A escola faz projetos de cantos com os anciãos da aldeia onde as crianças aprendem a cantar, fazer artesanatos, a escola diferenciada ensina tudo que está em nossa volta, assim, nossa cultura vai se fortalecendo a cada dia.

A educação ensina o respeito a diversidade de cada povo indígena e, também, de não indígena, onde os ensinamentos se multiplicam, contribuindo para aulas diferenciadas e ricas. É importante destacar que os professores e professoras planejam suas aulas, conforme nosso calendário *Haliti*.

E, em se tratando de ensino, passamos ao próximo capítulo, no qual apresento os conhecimentos sobre a arte da cerâmica *Haliti-Paresi*, desse trabalho e de nossa prática pedagógica, a partir da memória do senhor Narcizo Kazoiza e da senhora Rosinha Amoizokairo.

---

<sup>8</sup> Não indígenas

### 3 RELATO DESCRITIVO DE MINHA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Neste capítulo, apresento o início da minha prática pedagógica, sobre a cerâmica *Haliti-Paresi*, a partir da memória de alguns de nossos anciãos.

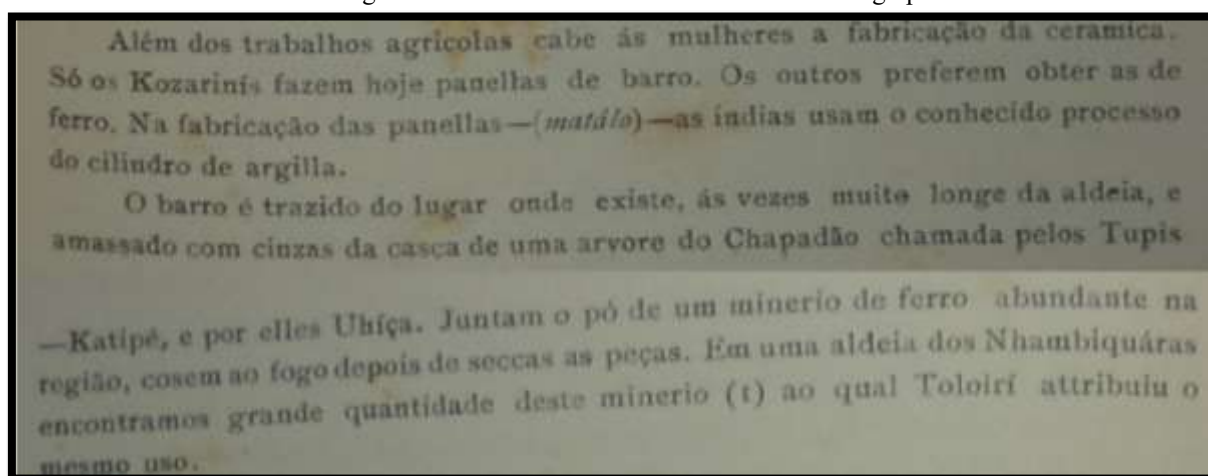
#### 3.1 O início da minha prática pedagógica: a cerâmica *Haliti-Paresi* na memória dos anciãos e anciãs

Início essa seção sobre a cerâmica *Haliti*, trazendo imagens de pedaços de cerâmica que encontrei em diversos lugares do nosso território, bem como, uma panela de barro intacta que fotografei, em Cuiabá, na casa de uma parente *Haloti*, do subgrupo *Waymare*. Segundo ela, essa panela foi achada pelo pai na beira do rio Papagaio, há muitos anos.

Os relatos dos mais velhos, que ainda se ouve nas comunidades, mostram que os antigos conheciam o ambiente e a geografia do território e que haviam lugares tradicionais onde recolhiam o barro, que também conheciam as qualidades específicas de cada tipo de barro e que tinham conhecimentos específicos sobre a flora e resinas vegetais, conhecimentos sobre as misturas e composição do barro para utensílios e rituais e sobre os processos tradicionais da queima do barro em que utilizavam a técnica da queima de coivara.

No livro intitulado, “História Natural-Ethnographia”, de autoria de Candido Mariano da Silva Rondon, de 1910, há uma menção à confecção da panela de barro pelos *Kozarene*, como podemos ver no recorte que trago abaixo:

Figura 5: Trecho do livro “História Natural-Ethnographia”



Fonte: Rondon, 1910

E para enriquecer nossa pesquisa, trago nessa seção, um pouco da história da panela de barro, a partir de uma conversa com o ancião Narciso Kazoiza, de 94 anos, cacique da aldeia onde mora. O senhor Narciso é do subgrupo *Kozarene*.

Figura 6: Pedacos de cerâmica e panela preservada



Fontes: Lino Zokenazokae e Leidenira Hezoizokemairo, 2025

Antes de trazer a conversa com o senhor Narciso, trago aqui minhas reflexões sobre nossa arte, pois a maioria das pessoas pode pensar que a cerâmica pode ser só um barro, mas não é, a cerâmica é uma história de memória e de conhecimentos dos nossos ancestrais.

Nossa cerâmica ficou adormecida muitos anos entre meu povo, pois devido ao contato com os não indígenas, adotamos outros utensílios industrializados, como baldes, panelas de alumínio, entre outros objetos. E eu, como professora *Haloti*, me preocupo com muitas práticas tradicionais que estão sendo esquecidas, principalmente, com a entrada das novas tecnologias em nossa sociedade *Haliti-Paresi*.

Dentre essas práticas esquecidas, umas delas foi a arte da cerâmica que era muito usada pelo meu povo, principalmente, no dia a dia de nossas comunidades. Nós entendemos que um conjunto de práticas culturais ancestrais que incluem a arte têxtil, alguns jogos, a produção de artesanato, por exemplo, estão cada dia menos visíveis e, nesse conjunto de práticas adormecidas, como já mencionei, se destaca a produção cerâmica de utensílios decorativos e utilitários e uso ritual que estava totalmente esquecido no cotidiano do meu povo. A panela de barro, por exemplo, era usada em festas tradicionais que meu povo fazia, ela servia para armazenar chicha, outras bebidas típicas e alimentos.

Vale destacar que a arte indígena que produzimos é feita para nosso uso específico. Não confeccionamos artefatos pensando na arte somente, mas para uso prático no dia a dia, pois não compreendemos a arte por si mesma, aquela que se entende simplesmente como pura beleza estética.

Nós, *Haliti-Paresi*, usamos o nosso grafismo, por exemplo, nos artefatos/artesanatos como *abali* (peneira), entre outros objetos. O grafismo representa as vivências com a natureza e, também, com os animais, cada grafismo tem sua história e significado.

Cada arte tem suas decorações, os objetos carregam detalhes, a cestaria, a cerâmica indígena, a pintura corporal, os cânticos e os rituais, todos específicos do nosso povo. A imagem que trago abaixo é uma ilustração de uma pintura corporal com significado específico somente para as lideranças.

Figura 7: Pintura corporal - *Menetse mokotse zaidya*



Fonte: Valdeir de Sousa, 2023

*Menetse mokotse zaidya* (filhote de sucuri) pintura feita somente no rosto dos homens, que já representa um dom para ser líder *zekohatsetimokotse*, que vai representar o seu povo.

Cada povo tem sua diversidade cultural, a arte indígena é extremamente diversa, refletindo a riqueza cultural de cada povo, que possui suas próprias técnicas, estilos e simbolismo, tornando cada obra única. A materialidade, a matéria-prima que utilizamos na arte indígena é,

geralmente, trazida da natureza, como madeira, argila, pedras, conchas, fibras vegetais, peles de animais e pigmentos naturais. Isso demonstra uma profunda conexão e respeito pelo meio ambiente que nos rodeia.

### 3.2 A cerâmica na memória dos anciãos

E para sabermos mais sobre a arte da cerâmica *Haliti-Paresi*, trago abaixo a entrevista com o senhor Narciso, ancião que guarda na memória os saberes sobre a confecção dos utensílios de barro que eram confeccionados e usados em tempos passados. Para ouvir a entrevista do senhor Narciso, scaneie o *Qr Code* abaixo:

Figura 8: Entrevista com o ancião Narciso Kazoiza



Fonte: Neiva Nenezokaero, 2025

De acordo com o relato do senhor Narciso, a mãe dele era ceramista e, quando pequeno, ouvia a mãe dele falar como era feita a *omati* (panela de barro). Ele nos contou que antigamente todos carregavam água na *omati*, utensílio usado para “vários tipos de consumo”. Também era uma panela que se usava para conservar água que ficava bem gelada, era como uma geladeira. “Foi nós, indígenas mesmo, que esquecemos de preservar a nossa cultura, não foi culpa de crença de não indígena não, foi nossa culpa mesmo, nos mesmos desvalorizamos nossas vivências, nossas culturas”. Essa fala do ancião traz reflexão e, ao mesmo tempo, dor histórica. Ao assumirmos a “culpa” pela perda de nossos elementos culturais, também, manifestamos uma consciência crítica sobre os processos de transformação vividos dentro de nossas comunidades.

A internalização da ideia de que “nós mesmos” somos os responsáveis por perder a cultura é, na verdade, um dos efeitos da colonialidade do ser (Maldonado e Torres, 2007), que atua na subjetividade dos povos colonizados, produzindo sentimentos de inferioridade e culpa.

Paulo Freire (1987), ao tratar da consciência oprimida, afirma que “os oprimidos, muitas vezes, se veem pelos olhos do opressor”, o que explica por que a desvalorização das próprias práticas culturais pode surgir como uma forma de aceitação do discurso dominante. Assim, o que se expressa nessa fala não é a simples “culpa”, mas a consequência de um longo processo de silenciamento e deslegitimação dos saberes indígenas.

A fala do ancião também aponta para o “processo de sedução” que a colonização e o capitalismo colocam como promessa de facilidade da vida. Essa sedução é uma estratégia sutil do sistema moderno-colonial que, conforme Mignolo (2003), impõe uma lógica eurocêntrica de progresso e desenvolvimento, deslocando o sentido comunitário e espiritual das práticas tradicionais. A substituição de objetos como a cerâmica pelo alumínio não é apenas uma troca de utensílios, mas a substituição simbólica de um modo de existir *Haliti* enraizado na terra, no tempo e na coletividade por um modo de vida regido pela rapidez, pelo consumo, pelo capitalismo.

Como mestrandia indígena, compreendo que o desafio não está apenas em preservar a cultura, mas em compreender criticamente os processos que nos afastam dela. Nossa cultura não está perdida, ela se transforma, se adapta e resiste. Compreendo que, mesmo quando adotamos elementos do mundo não indígena, carregamos em nós as memórias e os modos de ser que nos constituem. Precisamos compreender, também, que ser indígena hoje é também enfrentar, com consciência e força, os efeitos da sedução colonial e capitalista sobre nossos corpos, territórios e saberes.

O ancião Narciso, também, nos explicou que não é difícil confeccionar a *omati*, é só pegar a casca da morcegueira, queimar e usar a cinza para misturar com barro e babosa do brejo. Essa mistura já está pronta para fazer panelas de qualquer tamanho. Porém, no fazer dessa mistura está presente, além do nosso conhecimento tradicional, o conhecimento científico *Haliti-Paresi*, pois confeccionar a cerâmica não é apenas arte, é ciência também, como podemos observar na fala do senhor Narciso, a seguir:

*Em toda região aqui tem pedaços de panela de barro para fazer, só basta querer e interesse e resgatar, não adianta pegar qualquer coisa e fazer omati (pote de barro) tem que misturar bem até ficar com uma consistência boa para fazer. Ele até pode ficar bonito, mas quando fazer o processo de queimação, ele pode rachar ou quebrar tudo, por quê? Porque tudo*

*tem seus ingredientes certos, assim como os não indígenas usam as massas para fazer os prédios, por exemplo, tudo tem seus ingredientes certos, então, é assim mesmo, a panela de barro. Pode fazer fogo à vontade, não vai acontecer nada com a panela, porque a babosa do brejo cozinha e dá muita resistência à panela do barro. Antigamente as mulheres que faziam omati para carregar água, elas faziam de vários tamanhos. Minha finada mãe me contava tudo isso, e meu avô também contava como era feito, até hoje lembro, eu lembro. Eu fico muito feliz por você querer fazer essa retomada, você é a única professora que veio trazer essa retomada que faz parte da nossa cultura, que é muito importante para o nosso povo. Só digo uma coisa, minha neta, estamos juntos nesse resgate.*

Ainda sobre a confecção da cerâmica *Haliti*, trago, a seguir, o relato da senhora Rosinha Zomoizokaero, enviado a mim, em maio de 2025, via *whatsapp*, pela Nalva Maizokaero da aldeia Vale do Papagaio. A senhora Rosinha tem 74 anos de idade, é viúva, e mãe de oito filhos. Atualmente reside em sua aldeia Vale do Rio Papagaio, município de Sapezal-MT. Já trabalhou em sua aldeia como Agente Indígena de Saúde-AIS, e como técnica de enfermagem na SESAI, estando atualmente aposentada. Rosinha, também, atua como liderança espiritual, tendo um amplo conhecimento da sua cultura, e confecciona adereços e saias usados pelas mulheres indígenas *Haliti-Paresi*.

O relato da dona Rosinha sobre a cerâmica é importante porque ela carrega uma sabedoria ancestral viva e, também, é uma guardadora de saberes tradicionais. Seus conhecimentos não vêm de livros, mas da prática, da convivência com as gerações mais velhas e da vivência direta com a natureza e com a cultura do meu povo. Isso faz dela uma referência viva do seu conhecimento. O relato dela representa, como *haloti*, que ela tem muitos conhecimentos da nossa cultura, e o conhecimento sobre a cerâmica é um deles. E, também, é muito importante por dar espaço a voz das mulheres *haloti* que, muitas vezes, são invisibilizadas nas pesquisas e nos currículos escolares.

*Os barros que nos Paresi usava para fazer panelas são encontradas em dois lugares. Na antiga aldeia kawalonahetse, no município de Campo Novo do Parecis, fica na cabeceira do rio Jubinha, são usados os barros acrescenta um extrato retirado de uma planta que soa encontrada nas margens de alguns rios nas margens do rio papagaio tem e semelhante a babosa e amassa bem até se tornar uma homogênea, e então começa a modelar a panela após a panela ganhar o modelo que você desejar, deve colocar em um lugar seguro, e deixar secar bem. Durante a confecção de panelas deve se manter muito calma e não se distrair com nada manter o foco tem a opção de queimar a panela também. Nome da planta que usa para misturar junto com o barro chama ketere. Também ela faz um relato sobre uma panela de barro que o*

*pai dela achou uma propriedade de uma fazenda de não indígena perto do rio Papagaio. Era duas panelas de barro que ela estava guardando, mas o mais pequeno quebrou, falou que avo dela também fazia as panelas de barro os ingredientes são os mesmos citados.*

Quero encerrar esse tópico dizendo que Dona Rosinha representa uma linhagem de mulheres que ensina, cria e mantém a nossa cultura viva, por meio dos artesanatos e da memória da panela de barro. Também ajuda a preservar conhecimentos para as próximas gerações *Haliti-Paresi*, especialmente, num contexto em que muitos saberes estão sendo perdidos com tempo. Ela é uma memória viva do nosso povo.

Passamos, a seguir, para a segunda parte da minha prática pedagógica, agora, na escola.

### **3.3 A segunda parte da minha prática pedagógica: os saberes ancestrais da arte da cerâmica *Haliti* na escola**

A ideia de levar esse tema para a escola surgiu exatamente da minha vontade de retomar esse conhecimento que ficou no passado, mas presente na memória dos nossos anciãos. Na fala do ancião Narciso Kazoiza, vemos a preocupação dele em retomar esse saber que ele considera importante para o povo, uma vez que a cerâmica indígena está intrinsecamente ligada aos saberes tradicionais, e desempenha um papel crucial na educação e preservação cultural.

A confecção de um utensílio, seja uma cerâmica, um cesto ou uma plumária, não se limita apenas a uma atividade artesanal, é uma maneira de transmitir conhecimentos ancestrais sobre a natureza, rituais, e a nossa própria identidade cultural. A relação com a natureza está na escolha e preparação do barro, nas fases da lua, enfim, da matéria-prima que será usada na confecção de cada artefato.

Nesse sentido, a cerâmica *Haliti-Paresi* como tema que trago nesse trabalho, pode ser utilizada como ferramenta pedagógica em contextos educacionais formais e informais, pois ela contribui na aprendizagem intercultural e no diálogo entre diferentes saberes, arte, geografia, história, língua, entre outros. Portanto, é muito mais que um objeto de arte ou de uso utilitário, é patrimônio material e imaterial vivo, que carrega nossa ancestralidade e a nossa identidade.

E, nesse contexto, a escola pode ser uma grande aliada na retomada e fortalecimento cultural tomando como referência os antigos processos e saberes do nosso povo *Haliti-Paresi* sobre a confecção da panela de barro. São conhecimentos que podem contribuir para os processos históricos de retomada da memória e valorização da cultura no contexto escolar, a partir da dos estudos sobre os conhecimentos relacionados à produção da panela de barro entre nós, *Haliti-Paresi*.

A seguir, trago descrevo o segundo momento da minha prática pedagógica na escola, pois o primeiro momento teve início, quando entrevistei o senhor Narciso Kazoiza, em que ele compartilhou seus conhecimentos sobre a arte da cerâmica *Haliti*.

### 3.4 Escola da aldeia Quatro Cachoeiras

Antes de apresentar minha prática pedagógica, com as crianças da escola Quatro Cachoeiras e comunidade, trago uma breve contextualização dessa escola, em que desenvolvemos nossas atividades pedagógicas sobre a cerâmica *Haliti*-Paresi.

Figura 9: Escola Municipal Indígena Quatro Cachoeiras



Fonte: Arquivo pessoal, 2025

A aldeia Quatro Cachoeiras, lugar onde realizei minha prática pedagógica, com início no dia nove de junho/2025, numa segunda-feira, está localizada no Território Indígena Utiariti que fica no município de Campo Novo do Parecis, médio norte do estado de Mato Grosso. Nela fica a Escola Municipal Indígena Quatro Cachoeiras, que atende alunos desde os anos iniciais, até o quinto ano. Depois disso, os alunos vão estudar na cidade, pois a escola não oferta o fundamental II e nem ensino médio. Há dois professores indígenas que trabalham na comunidade, um professor no período matutino e um no vespertino. O professor do período matutino trabalha com as crianças de sete a 12 anos, já o professor do período vespertino trabalha com crianças de quatro a sete anos.

Quero reforçar que nossas práticas pedagógicas procuram valorizar a língua materna *Haliti* e a cultura oral, e busca fortalecer a identidade cultural do meu povo. E para isso, nossas práticas pedagógicas devem ser dialogadas, críticas e participativas, integrando os saberes e a cultura de nossa comunidade, os anciãos e a ancestralidade indígena à educação formal, para

construir autonomia, valorizar a diversidade e emancipação dos alunos e a interculturalidade (Freire, 1982).

Inspirada em Paulo Freire, Franco (2016) compreende a prática pedagógica como práxis, que exige ação-reflexão-ação, e não apenas como um ato de ensinar, porque é também um ato político. Para Franco (2016), a prática pedagógica é um processo reflexivo, crítico e intencional que se constrói na relação entre nós, professores(as), alunos(as), nossos saberes culturais e contextos socioculturais. Nesse sentido, reforço que nosso trabalho pedagógico precisa reconhecer as condições históricas, sociais e culturais em que estamos inseridos. E foi a partir dessa perspectiva, que procurei desenvolver minha prática pedagógica com as crianças da escola Quatro Cachoeiras, que descrevo a seguir.

### 3.5 Dando início a minha prática pedagógica na escola

A minha prática pedagógica na escola teve início com uma conversa com o professor Waldir Makazokaese e a professora Neiva Nenezokaero, que naquela semana iria substituir o professor Waldir, portanto, me acompanharia em minha prática pedagógica.

Quero destacar que fui bem recebida na comunidade pelo cacique da aldeia e pelos professores que me acolheram. Sou muito agradecida pela recepção deles. Após esse contato inicial, eu me apresentei para os alunos e alunas dos anos iniciais, período matutino. Falei um pouquinho do meu trabalho sobre a história da cerâmica *Haliti* e como íamos desenvolver esse tema, expliquei sobre a importância da pesquisa para a escola e para a comunidade.

Figura 10: Apresentação do tema de pesquisa aos alunos e alunas



Fonte: Neiva Nenezokairo, 2025

Durante minha prática pedagógica, a nossa língua *Haliti* estava presente o tempo todo, na interação com as crianças, todas falantes da língua materna. É a língua *Haliti* viva, também no contexto da escola, como língua de instrução oral (Brasil, 1998).

De acordo com a orientação do Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas-RCNEI, a língua indígena precisa estar no currículo da escola como língua de instrução oral:

Chama-se de "língua de instrução" a língua utilizada na sala de aula para introduzir conceitos, dar esclarecimentos e explicações. A língua indígena será, nesse caso, a língua através da qual os professores e os alunos discutem matemática, geografia, etc... Esse tipo de procedimento permite que os alunos que têm pouco domínio do português possam aprender melhor e mais rapidamente os novos conhecimentos de fora, necessários devido ao contato com a sociedade envolvente. Mas ele traz, além disso, outras vantagens: os alunos aumentarão sua competência oral em língua indígena, pois aprenderão a utilizá-la também para falar sobre os novos conhecimentos adquiridos, em vez de terem que recorrer ao português para isso. A língua indígena ficará, assim, mais forte, pois passará a ter mais uma função importante, aquela própria do espaço escolar (Brasil, 1998, p.119).

Comentei que com a correria do dia, nós, professores, esquecemos de ensinar a nossa cultura para nossos filhos, mesmo tendo todo o material para uma escola ensinar, como uma escola diferenciada. Tudo que praticamos no nosso dia a dia é importante ensinar, nossas crianças vão apreender a preservar a nossa cultura, e a nossa língua materna *Haliti*.

A educação vem de casa e eu, como professora, preciso praticar os ensinamentos dos saberes do meu povo *Haliti*-Paresi. Tudo que ensinamos está permeado de língua materna *Haliti*, que é muito importante, importante para não cair no esquecimento, porque com língua materna fazemos oferendas, as festas tradicionais, e se nós não ensinarmos nossa língua materna poderá adormecer, porque nossos anciões estão morrendo aos poucos. Eles são nossos livros de pesquisa, eu como *Haloti* tenho essa preocupação.

Nessa primeira conversa, observei que todos os alunos são falantes da língua materna *Haliti*, os meninos cantam, e eles têm aulas de canto com o professor Waldir Makazokaese que incentiva a turma. É importante destacar que eles têm outro professor de canto que entende tudo sobre a nossa cultura. O professor vem desenvolvendo práticas pedagógicas sobre a língua materna *Haliti* e cantos, juntamente, com os outros professores do município de Campo Novo do Parecis.

Seguindo o movimento de minha prática pedagógica, na terça-feira, recebemos o meu avô, Narciso Kazoiza, de 94 anos e morador da aldeia para nos contar um pouco sobre a confecção da panela de barro, em roda de conversa com as crianças e demais pessoas da

comunidade. Meu avô Narciso traz vivo e guardado na memória o que ouviu e aprendeu com sua mãe, sobre o modo de fazer a cerâmica *Haliti*.

O objetivo dessa atividade foi dialogar, em língua materna *Haliti*, sobre a confecção da cerâmica *Haliti-Paresi*, especialmente, sobre a panela de barro. Nessa roda de conversa, o ancião contou a história sobre a cerâmica que nosso povo confeccionava.

Figura 11: Roda de conversa com o ancião Narcizo Kazoiza



Fonte: Neiva Nenezokairo, 2025

Após essa roda de conversa, fiz a transcrição da narrativa, da língua materna *Haliti* para a língua portuguesa, que segue abaixo:

*Vou contar para vocês, criançada, sobre umatitahi, como é feita e qual a importância dela para o nosso povo e, principalmente, pra vocês alunos. Sei que os pais de vocês sabem da história, mas nunca contam pra vocês sobre a panela de barro, porque o meu avô também fazia as panelas de barro e outros mais velhos também sabem a história e vai contar pra vocês.*

*Desde os nossos antepassados, a panela já fazia parte da nossa cultura, mas é uma arte que nem todos podiam fazer, porque tem suas regras e seus ingredientes, então, pra fazer uma panela exige práticas e paciência e tem de ter a conexão com a natureza.*

*Nós, Haliti, fazia omaty para usar como meio de nossa sobrevivência, porque usávamos para armazenar água, comida, cozinhar alimentos, também, nas festas tradicionais já se usava as panelas grandes que também era feito de barro e também tinha as cabaças de cuias que se*

*usava, mas até hoje nós usamos a cabaça e cuias. E por que esquecemos a panela de barro? Antigamente tinha e tem muitos artesanatos que fazemos hoje.*

*Vou contar para vocês sobre omaty e como é importante, eu falei pra vocês, meus netinhos, seus pais. O Mariano sabe sobre a panela de barro, porque o avô dele fazia as panelas de barro, com certeza, ele também vai saber contar pra vocês. É muito importante se os alunos ouvissem aqui sobre a panela de barro. Essa informação ninguém conta pra vocês, tem outra coisa, a escola ensina de dois lados, uma na língua materna, e outra na língua portuguesa. A língua materna aprendemos em casa, onde nossos avós e nossos pais nos ensinam a cultura e os ensinamentos que estão no dia a dia, com nossos avós e nos arredores da aldeia.*

*Na escola aprendemos o português para vocês, alunos, aprender a escrever, a ler e buscar conhecimentos de não indígenas, onde vocês aprendem a educação e respeito. Tudo é a mesma coisa, mas no lado de não indígenas é importante aprender português, mas o mais importante é a nossa língua materna, nunca esqueçam disso, vocês alunos que estão aqui me ouvindo.*

*Hoje em dia estamos optando pra as coisas mais fáceis de não indígenas, nós mesmos estamos desvalorizando nossos artesanatos, não é só a panela de barro não, têm muitas coisas que estamos perdendo. Por exemplo, jikonahati (jogo de cabeça bol) foi trocado por jogo de bola, futebol que é de imuti, não faz parte da nossa cultura e, por isso, nós, mais velhos, estamos preocupados.*

*Eu estou muito preocupado, nós mais velhos temos que ajudar os professores que estão interessados a trazer tudo isso pra nossas escolas indígenas. Porquê? Nossas crianças de hoje em dia não estão mais interessadas em aprender, e só assim pra começar a revitalizar a nossa cultura. Temos que fazer igual a minha neta, trazer de volta o que estamos deixando de lado. Agora eu vejo o quanto é importante trazer de volta o que estamos perdendo, se nós não usamos mais, é importante usar como artesanato em nossas casas, como arco e flecha espanador, brincos, cocar, entre outros, como cestarias, artesanatos que temos. Vocês, crianças, têm de voltar a praticar jikonahati (cabeça bol, arco e flecha), que exigem habilidades, concentração e treino no dia a dia. Se hoje, agora eu mandar vocês flechar, vocês não vão saber a regra do jogo, porque vocês não estão mais praticando, por falta de interesse de vocês mesmos. Tem de praticar, vocês têm que se interessar e fazer acontecer. Por isso que falo pra vocês, alunos, hoje: estude, sem estudo você não é nada.*

*Hoje em dia tem que ter sabedoria de dois lados, vocês são professores, então, começam a ensinar só na língua materna, não podemos viver sem a língua materna que é nossa*

*identidade e do nosso povo. Minha neta ensina de dois lados, é muito lindo, me sinto orgulhoso como avô.*

*Minha neta, aqui perto tem uma aldeia antiga, perto de uma cabeceira, onde tem muitas lascas de panelas de barro, igual esses que vocês têm. Eu nunca imaginei que a panela de barro ia ficar só na história, é muito importante esse seu trabalho, todos professores indígenas têm de começar igual você está fazendo agora. Tem um pedaço de omaty bem grande, que encontramos com seu pai na época da seringa e deixamos embaixo de um pé de seringueira. Seu pai deve se lembrar desse pedaço de panela, o lugar fica ali perto da aldeia que ele está abrindo.*

O avô Narciso falou que é importante que os alunos tenham esses conhecimentos que ficaram muito tempo adormecidos, porque nós, indígenas, deixamos esquecidos, pois optamos em usar as coisas dos não indígenas que é mais fácil. Com o passar do tempo, esquecemos a prática da confecção da panela de barro, desde que tivemos contato com os não indígenas.

Além dessa arte da cerâmica, há muitas coisas que deixamos de praticar. Se nós, como professores indígenas, não saímos para pesquisar e procurar os nossos anciãos para compartilhar esses conhecimentos adormecidos, vamos perdendo cada vez mais elementos da nossa cultura. Os anciãos são bibliotecas vivas, guardiões de nossos conhecimentos ancestrais, e a participação deles nesse processo de ensino e aprendizagem, junto com a escola, é fundamental.

### **3.6 Pesquisa de campo: coleta da matéria-prima**

No dia seguinte, quarta-feira, de manhã, juntamente, com os alunos e alunas começamos planejar o roteiro da coleta da matéria-prima para a oficina que iríamos realizar. Assim, nos organizamos para sair a campo, junto com o avô Narciso, já sabendo os nomes dos materiais que iríamos coletar: *Katolo* (babosa do brejo); *kamohetse iyomehero* (barro branco), na beira do rio, perto da aldeia mesmo; depois a casca da árvore, *uhitsa tyatya* (pé de morcegueira).

Primeiro, o senhor Narciso foi sozinho ao campo, perto da aldeia, para conferir se ali perto iríamos encontrar os três ingredientes necessários para a confecção da panela. Logo depois, ele retornou e, juntos, fomos fazer a coleta do material.

Figura 12: Rumo à pesquisa de campo



Fonte: Leidenira Hezoizokemairo, 2025

Chegando à beira do rio, não muito longe da aldeia, já encontramos pés de babosa. Expliquei, na língua materna *Haliti*, o que era a babosa e como iria coletar a seiva da planta, para depois usar na confecção da cerâmica. Nas imagens abaixo, temos o passo a passo da coleta do primeiro ingrediente: 1º conhecer o pé de *katolo*, em seguida, coletar as folhas e depois extrair a seiva (um gel) dentro de uma vasilhinha.

Figura 13: Coleta da *katolo* (babosa)

Fonte: Leidenira Hezoizokemairo, 2025

Na primeira imagem, temos o pé da babosa do brejo (*katolo*) e, para coletá-la, andamos apenas 500 metros longe da aldeia. Durante o caminho, foram muitos aprendizados com muita conversa, correria, algumas crianças caminhavam comigo, momento em que explicava a elas os cuidados com a natureza. Encontramos um formigueiro no caminho, o que despertou a

curiosidade das crianças: Por que as formigas levam as folhas para casa deles? Pra que serve? Essa foi uma curiosidade que deixei para eles descobrirem.

No caminho também encontramos flores nas cores: amarelo (*txikere*) roxo (*tawalore*) alaranjado (*hotxikere*), momento que aproveitei para ensinar os nomes das cores na língua *Haliti*. Durante o trajeto, falei do que a natureza nos oferece e como temos que cuidar bem dela. Citei, como exemplo, a planta *katolo* que estávamos indo coletar, que eles iam conhecer a planta que a natureza está oferecendo para nós.

Depois da caminhada, chegamos ao lugar onde eles finalmente conheceram a babosa do brejo (*katolo*), cada um dos alunos queria tocar a planta, alguns me diziam que já conhecia. Nesse momento, um dos alunos falou para a coleguinha que era para coletar somente onde havia dois pés de babosa juntos, e não mexer com as flores, porque essas que tinham flores iam reproduzir mais pés *katolo*. Aqui podemos perceber o quanto a criança refletiu sob a conversa anterior, quanto aos cuidados com a natureza, ensinamentos em língua materna que a criança indígena guarda e leva com ela. Todos os alunos são falantes da língua materna, e tudo que ensinei e falei na língua materna fica como ensinamento, pois aprendem na oralidade e na prática, é assim que as crianças *Haliti* aprendem, observando e escutando os mais velhos.

Depois da coleta da *katolo*, o segundo passo da pesquisa foi a coleta do barro. Para isso, fomos na beira do rio pegar o barro (argila), ocasião em que as crianças aproveitaram para tomar banho, devido ao calor e porque é um momento de diversão e aprendizado para elas também. No banho de rio, o brincar com o barro, momento em que aproveitei para ensinar sobre o ingrediente principal da confecção da *omati*.

Figura 14: Coleta do *kamohetse iyomehero* (barro)



Fonte: Neiva Nenezokairo, 2025

Tudo que ensinamos as nossas crianças no dia a dia, elas vão aprendendo a partir da observação. Durante minhas explicações sobre a coleta do barro para confeccionar a cerâmica, as crianças se mostravam curiosas, querendo saber o significado dos nomes.

À medida que íamos tirando o barro na beira do rio, explicava a elas que não podemos usar qualquer barro para fazer a panela. Que o barro precisa ter consistência firme para que a panela fique bem feita e não quebre facilmente e, também, porque o barro mais firme é melhor para dar liga aos ingredientes. Reforcei a elas a importância de preservar o ambiente, ou seja, o lugar onde estamos coletando a matéria-prima para a confecção da panela de barro. Também destaquei como é importante saber os nomes dos ingredientes na língua materna. Durante essa atividade, as crianças aproveitaram para tomar banho no rio e brincar entre elas, momento do primeiro contato com o barro. Aqui podemos dizer que “os momentos e atividades de ensino-aprendizagem combinam espaços e momentos formais e informais, com concepções próprias sobre o que deve ser aprendido, como, quando e por quem. A escola não deve ser vista como o único lugar de aprendizado (Brasil, 1998, p. 23).

O terceiro passo foi a coleta da casca da morcegueira, mais um ingrediente necessário para a mistura do barro. Morcegueira na língua materna é *uhitsa tyatya*.

Figura 15: Coleta da casca de morcegueira



Fonte: Neiva Nenezokairo, 2025

Para a coleta da casca de *uhitsa* (casca de morcegueira) caminhamos apenas 200 metros da aldeia, para o local onde o ancião Narciso falou que tinha um pé de morcegueira. Juntamente com as crianças, acompanhamos o ancião para elas conhecerem a árvore. Chegando lá, o senhor Narciso falou que é muito importante ter cuidado com a árvore, pois devemos pedir licença a ela para coletar a casca do seu tronco. “Toda árvore tem vida, onde temos que respeitar cada pezinho e, assim, ele vai continuar produzindo mais fruta, mais casca”, explicou o ancião. Este

foi mais um momento em que as crianças tiveram uma forte conexão com a natureza, aprendendo a importância de preservar o meio ambiente. Para nós, cada contato com a natureza é um novo aprendizado. Durante essa atividade de pesquisa, as crianças também conheceram outras espécies de árvore, momento que aproveitei para ensinar os nomes de cada uma delas na língua materna, como: *wata matseze* (pé de jatobá), *awokahini* (garobinha).

### 3.7 Preparação do material coletado

No período da tarde, realizamos a oficina de preparação do material coletado no entorno da aldeia para a confecção da panela de barro e outros objetos que as crianças quisessem fazer. Primeiramente, fizemos a queima da casca de morcegueira para obtermos a cinza, um dos ingredientes da cerâmica.

Figura 16: Queima da casca de morcegueira



Fonte: Neiva Nenezokairo, 2025

O momento da queima da casca da morcegueira foi debaixo de um pé de jatobá, onde meu avô contava história para os alunos. Todo tempo, as crianças queriam ajudar o meu avô a acender o fogo, um pegava capim, outro pegava gravetos. Foi o momento em que aprenderam sobre a queima da casca da árvore da morcegueira, ensinamentos feitos por meio de nossa língua materna. O avô Narciso falou sobre o fogo e explica às crianças que é muito perigoso, por isso, temos que ter cuidado. O trabalho em coletividade com os coleguinhas também é muito importante, pois eles compartilham saberes e atividades.

Durante esse processo de ensino e de pesquisa, observei que as crianças gostam muito dessas práticas de ensino, porque a educação para nós não está apenas no contexto da escola, ela está, também, em todos os espaços de nossas aldeias, no rio, no campo, debaixo das árvores.

Na etapa seguinte, após a queima da casca da morcegueira, passamos à preparação do barro. Na quinta-feira, pela manhã, continuamos a oficina com os alunos e comunidade, foi o dia de colocar a mão no barro. Foi o dia mais esperado por todas as crianças, estavam ansiosos para misturar os ingredientes. Expliquei o passo a passo como íamos trabalhar, que primeiro pegaríamos o barro para amassar bem, até o ponto que o ancião nos ensinou. Foi o momento de misturar os ingredientes que havíamos coletado no mato, no caso, a cinza da casca de morcegueira que foi preparada na oficina do dia anterior.

Figura 17: Preparação do barro



Fonte: Neiva Nenezokairo, 2025

As imagens acima mostram o momento em comecei a ensinar às crianças a misturar os ingredientes para a confecção da nossa cerâmica. Primeiramente, expliquei que cada um iria ganhar um pouco de barro para fazer o objeto que quisesse, a escolha ficaria a critério de cada um. À medida que ia amassando o barro, ia explicando a eles a mistura dos três ingredientes: barro, cinza da casca de morcegueira e a seiva da babosa do brejo. Atentamente e curiosas, as crianças iam observando tudo, pois “a arte, em todas as culturas está relacionada a algum tipo de aprendizagem que envolve a explicação verbal, a observação, o ver fazer e a ação de fazer (Brasil, 1998, p. 290).

Com essa atividade, podemos ensinar a matemática do meu povo, como as medidas de cada ingrediente, ensinar também as ciências da natureza, explorando onde foram coletadas a

matéria-prima. Terminada a mistura dos ingredientes, foi a hora de modelar, momento que exige paciência, porque a pressa não combina com a arte de modelar. Depois de pronto, é hora de usar a babosa do brejo para finalizar o material feito com o barro, mais um processo de aprendizado para as crianças. Expliquei a elas qual era a importância do gel da babosa (*katolo*) nesse processo, pois o gel da babosa é um ingrediente importante para o processo de queima da panela de barro, pois é a babosa que protege na hora da queima, pois é esse ingrediente que dá resistência para a panela não quebrar e nem rachar.

### 3.8 Confeção da cerâmica

Após isso, cada aluno recebeu barro branco para confeccionar a panela de barro, alguns alunos conversavam sobre como foi coletado todo o material que estávamos usando. Interessante observar que cada criança falava, que cada material foi pego ali mesmo, na beira do rio, onde eles moravam. Uns diziam que iam falar com os pais para coletar o barro para ele mesmo fazer a panela e que era importante não esquecer os ensinamentos da professora. “Espero que um dia ela volte para dar mais aulas como essa”, falou Luyane Eduarda, de 7 anos.

Figura 18: Pessoas da comunidade com a mão no barro



Fonte: Neiva Nenezokairo, 2025

Nessa primeira foto, eu estou explicando como é a consistência boa para modelar a panela de barro. Nas outras fotos, são as pessoas da comunidade da aldeia Quatro Cachoeiras, local onde realizamos nossa prática pedagógica, como já mencionado anteriormente. Elas também participaram das atividades, porque queriam aprender sobre a confecção de nossa cerâmica, conhecimento adormecido ao longo do tempo. Durante minha pesquisa de campo, observei que muitas aldeias *Haliti-Paresi* não sabiam sobre a cerâmica do meu povo. Portanto,

foi um momento de reflexão de um trabalho muito importante para a comunidade da aldeia, e entre silêncio e olhares curiosos, fomos dando forma ao barro, com a criatividade de cada adulto e de criança que estava ali.

Figura 19: Crianças confeccionando a panela barro



Fonte: Neiva Nenezokairo, 2025

Quando você ensina com amor, o ensinamento se multiplica a cada detalhe e, para nós, como professor e professora, é muito gratificante. Como diz Paulo Freire, a amorosidade deve estar presente no processo de ensino e aprendizagem, nas relações educativas. E aqui cito novamente esse grande educador: “Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte?” Freire (1997, p.75).

As fotos acima ilustram a dedicação e o envolvimento das crianças durante a atividade, onde a modelagem vai tomando formas, cada movimento, a oralidade em língua materna *Haliti*, o toque e o contato com o barro são importantes para nossas crianças *Haliti*, pois elas apreendem na prática e na oralidade. Nesse momento, as crianças ficaram livres para escolher o que queriam confeccionar com o barro, e a escolha foi os animaizinhos que eles conhecem e que fazem parte do nosso território, como: peixe, cobra, tatu, lobinho.

### 3.9 Nomeando os objetos na língua materna *Haliti*

Dando sequência a minha prática pedagógica, na sexta-feira, foi o dia da entrega das cerâmicas confeccionadas na oficina do dia anterior. Cada criança pegou sua peça e escreveu o nome na língua materna. Fizeram desenhos, ilustrando o caminho que percorremos durante a pesquisa de campo. Foi uma semana de grande aprendizado na escola e comunidade.

Figura 20: Atividade de escrita na língua materna



Fonte: Neiva Nenezokairo, 2025

Aqui foi o momento de escrever os nomes dos bichinhos (*kidyakaharenae neare*), sob a minha orientação e mediação. São todos falantes da língua materna, mas ainda não possuem o domínio da escrita, estão em processo de aprendizado da escrita, pois a partir dos sete anos começa a alfabetização.

A língua materna *Haliti* foi a língua de instrução oral durante nossas aulas, “a língua utilizada na sala de aula para introduzir conceitos, dar esclarecimentos e explicações. A língua indígena será, nesse caso, a língua através da qual os professores e os alunos discutem matemática, geografia, etc (Brasil, 1998, p.119). Nesse processo de ensino e aprendizagem, oralidade e prática são fundamentais para o aprendizado da criança. Durante as atividades houve muitos aprendizados como história, geografia, arte, ciências da natureza, matemática, entre outros conhecimentos, sempre com a nossa língua materna como foco desses ensinamentos.

Figura 21: Ilustração da pesquisa de campo feita pelas crianças



Fonte: Leidenira Hezoizokemairo, 2025

Depois de uma semana de pesquisa de campo com as crianças, foi dia de fazer atividade de sala com eles. Por quê? Porque queria uma ilustração de cada aluno(a) que participou das atividades de campo. Como foi, e o que eles acharam da pesquisa, assim, cada criança foi ilustrando os momentos da coleta da matéria-prima. No desenho de uma das alunas, a Maria, podemos ver a ilustração completa do caminho da pesquisa, desde quando saímos para pegar *katolo* (babosa do brejo), *kamohetse iyomehero* (barro branco), *uhitsa tyatya* (a casca de morcegueira), até a queima da casca para fazermos *tiwehe* (cinza).

No segundo desenho, foi o momento de *zakaihyakere* (contação de história) com o ancião, em seguida, quando fomos coletar *uhitsa* (casca da árvore), depois foi quando fomos coletar *kamohetse iyomehero* (barro branco). Podemos ver numa das ilustrações que as crianças estão tomando banho de rio, momento em que elas também brincaram muito, jogando *iyomehero* nos coleguinhas, foi uma gritaria de felicidade só, de pegar o barro branco para brincar. Foi uma alegria tomar banho de rio e, também, foi um grande aprendizado para cada criança e para mim também. Nesse momento, voltei a minha infância, junto com as crianças, num grande momento de alegria e de poder, também, aprender com elas.

Foram momentos de troca de conhecimentos entre as crianças, foi um aprendizado que eu, como professora e pedagoga, vou levar para a minha vida, presente em cada detalhe que eu vivenciei com alunos, alunas e comunidade daquela aldeia, que me acolheu com tanto carinho e amorosidade.

E, como resultado de todo esse percurso didático-pedagógico, no próximo tópico, descrevo como foi o processo de elaboração do produto educacional, resultado de minha prática pedagógica.

Qr Code de minha prática pedagógica



#### 4 Como elaboramos nosso produto educacional

O planejamento inicial e a justificativa para a elaboração deste produto educacional, intitulado: “Catálogo de cerâmica *Haliti-Paresi*”, tiveram início quando pensei na necessidade de valorizar, registrar e transmitir os conhecimentos tradicionais do nosso povo *Haliti-Paresi* sobre a arte da cerâmica, um saber ancestral que expressa a cultura, a espiritualidade e o cotidiano do nosso povo.

O principal objetivo foi a criação de um catálogo como material educativo, elaborado na língua materna *Haliti*, que possa ser utilizado nas escolas indígenas, nos processos de formação de professores e professoras e, também, pela própria comunidade *Haliti-Paresi*. Esta pesquisa busca representar uma retomada na valorização dos saberes tradicionais *Haliti* relacionados à panela de barro *omati*, reafirmando o papel da cerâmica como patrimônio material e imaterial na preservação da memória cultural do nosso povo.

No catálogo, trago as peças produzidas pelas crianças, na escola, com o nome de cada uma na língua materna e, também, fotos e o nome de cada ingrediente usado na confecção da cerâmica. Acredito que o material produzido, ao ser utilizado na escola, contribuirá para fortalecer os conhecimentos dos alunos e alunas, dos jovens e demais membros da comunidade, em relação à arte da cerâmica do nosso povo, e despertar o interesse pela continuidade dessas práticas ancestrais.

Antes da produção do material didático, realizei reuniões com a comunidade da aldeia Quatro Cachoeiras, envolvendo professores da escola e, especialmente, meu avô, o ancião Narciso Kazoiza. Obtivemos o consentimento da comunidade e do ancião para o desenvolvimento do produto educacional na escola e na aldeia. A partir desse diálogo, formou-se um grupo de trabalho colaborativo, com a participação das crianças, professores(as) e membros da comunidade, garantindo que todas as decisões fossem tomadas de forma coletiva e respeitosa.

Feito isso, passamos à produção do catálogo, durante a minha prática pedagógica, com a participação dos alunos e alunas, membros da comunidade e do senhor Narciso. Os conhecimentos coletados durante as etapas da pesquisa, como por exemplo, entrevista, roda de conversa, pesquisa de campo para coleta da matéria-prima, preparação do barro para fazer as peças de cerâmica e demais atividades com as crianças ajudaram na elaboração do material didático.

Vale destacar que os registros dessa pesquisa, parte deles contemplada no catálogo, foram coletados de forma oral, complementados por fotos, vídeos e transcrições que,

posteriormente, foram traduzidas para o português, preservando trechos na língua materna. A proposta é que este material sirva de base para a valorização de nossa cultura e para o fortalecimento da identidade *Haliti* entre as novas gerações.

Reforço que a elaboração deste produto educacional reafirmou a importância de respeitar os tempos, os saberes e as vozes do nosso povo. A cerâmica *Haliti-Paresi* é uma expressão viva de resistência cultural e de reafirmação de nossa ancestralidade, moldada com as mãos e o coração das crianças, dos(as) professores(as) e demais membros da comunidade da aldeia Quatro Cachoeiras.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo principal retomar e valorizar os conhecimentos orais sobre a cerâmica *Haliti-Paresi*, a partir da memória dos anciãos e anciãs do meu povo, por meio de uma prática pedagógica desenvolvida na Escola Indígena da aldeia Quatro Cachoeiras.

Durante todo o percurso, busquei compreender de que forma o saber tradicional da cerâmica, um conhecimento ancestral adormecido com o passar do tempo, poderia dialogar com a educação escolar *Haliti*, contribuindo tanto para o fortalecimento cultural quanto para a valorização da nossa língua materna *Haliti*. Nesse sentido, a questão que levantei para esta dissertação foi: como a retomada da confecção da cerâmica *Haliti-Paresi*, a partir das memórias dos anciãos, pode contribuir para a valorização da cultura e da língua materna *Haliti* no contexto escolar?

Para responder a essa indagação, realizei uma pesquisa qualitativa, de caráter participante e etnográfico, fundamentada em uma metodologia inspirada na tradição de pesquisa do meu povo, que valoriza a oralidade, a escuta e o diálogo com os mais velhos. A metodologia envolveu a realização de entrevistas, rodas de conversa, observações e oficinas práticas, nas quais crianças, professores(as) e anciãos(ãs) participaram de todo o processo, desde o primeiro momento, em especial, destaco a participação do senhor Narciso Kazoiza na coleta da matéria-prima e, depois, no processo da confecção da cerâmica

O caminho metodológico também foi orientado pelos ensinamentos de Paulo Freire, que reforça que nossos ensinamentos precisam partir de nossos saberes culturais e dialogar com os saberes escolares. E que ensino e pesquisa caminham juntos. Essa compreensão me fez perceber que a pesquisa é uma forma de ensinar e aprender ao mesmo tempo, e que a escola pode e deve ser um espaço de produção, retomada e fortalecimento dos nossos saberes ancestrais, respeitando nosso modo de ver e viver o mundo.

Os resultados desta pesquisa mostraram que o fazer da arte cerâmica é mais do que uma prática material: ele é um ato de memória, identidade e resistência. Ao retomarmos o processo de produção da cerâmica, retomamos também histórias, nomes, gestos e palavras da nossa língua *Haliti* que estavam sendo esquecidos. As oficinas e práticas pedagógicas mostraram que as crianças aprendem com alegria e curiosidade quando o ensino parte da cultura viva do povo. Elas aprendem com o barro, com a natureza, com as histórias contadas pelos avós, e assim constroem uma aprendizagem significativa, conectada à realidade da aldeia.

Além disso, percebi que o ensino da cerâmica pode ser trabalhado de forma transdisciplinar, envolvendo áreas como Arte, Matemática, Ciências, História, Língua *Haliti* e

Língua Portuguesa. Essa abordagem amplia as possibilidades pedagógicas e contribui para fortalecer o currículo intercultural da nossa escola indígena, mostrando que o conhecimento tradicional pode dialogar com os componentes escolares de forma complementar.

No decorrer da realização desta pesquisa, também foi possível observar a urgência de valorizarmos a nossa língua materna *Haliti*, que vem perdendo espaço para o português entre as novas gerações. O trabalho com o barro, aliado à oralidade e à escuta dos anciãos, mostrou-se uma estratégia poderosa para fortalecer o uso da língua materna *Haliti*, pois o processo envolve a nomeação dos objetos, o diálogo entre gerações e a revitalização de palavras e expressões que fazem parte da nossa história. Além disso, compreendi que o fazer da arte cerâmica não se resume a apenas um fazer artístico, ele, também, envolve um profundo saber científico do nosso povo *Haliti-Paresi*. Cada etapa, desde a escolha do local e o tempo certo para a coleta da matéria-prima, até a mistura dos ingredientes, a secagem e a queima do barro, exige conhecimento, observação, técnica e experiência. Esses saberes demonstram que a cerâmica *Haliti-Paresi* é resultado de uma ciência tradicional, construída a partir da convivência com a natureza, da experimentação e da sabedoria acumulada pelos nossos antepassados ao longo de muitas gerações.

Do ponto de vista das contribuições, esta pesquisa se mostra relevante em três dimensões: no contexto local, porque fortalece a escola da aldeia Quatro Cachoeiras como espaço de resistência e de valorização cultural, incentivando a retomada de práticas tradicionais no cotidiano escolar; no contexto regional, porque contribui para outras escolas *Haliti* e de outros povos indígenas, oferecendo um exemplo de prática pedagógica intercultural que une educação tradicional e educação escolar indígena; e saberes tradicionais e no contexto estadual e nacional, porque a pesquisa mostra a importância de se ter políticas públicas de educação escolar indígena que respeitem as especificidades culturais e linguísticas dos povos originários, além de apontar caminhos para a preservação de patrimônios culturais materiais e imateriais.

A cerâmica *Haliti-Paresi*, portanto, não deve ser vista apenas como um objeto utilitário ou decorativo, mas como um patrimônio cultural que carrega a sabedoria, a força e a espiritualidade do nosso povo. Assim, proponho que se avance em estudos e articulações futuras com órgãos como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), no sentido de reconhecer a cerâmica *Haliti-Paresi* como patrimônio cultural material e imaterial, garantindo sua preservação e valorização entre as futuras gerações.

Como professora e pesquisadora *Haliti*, acredito que este trabalho, que envolveu ensino e pesquisa, cumpre o papel de unir o conhecimento acadêmico ao saber tradicional, mostrando que o ensino e a pesquisa podem caminhar junto com a cultura e a identidade. Essa caminhada

me ensinou que a educação libertadora começa quando olhamos para o chão da nossa aldeia e reconhecemos que nossos anciãos e anciãs são nossos primeiros mestres, que a natureza é nossa sala de aula, e que o barro é um livro vivo que guarda a história do nosso povo.

Durante essa experiência, aprendi muito com a comunidade e com os alunos da escola. As crianças me ensinaram que a essência da infância nunca morre, e que a aprendizagem acontece em todos os momentos, não tem hora nem lugar para aprender. Como professora, percebi que temos grandes responsabilidades: ensinar com amor, cuidar e valorizar a nossa cultura, transmitindo às crianças, por meio das brincadeiras e das vivências, o que recebemos de nossos pais e avós.

Tudo o que ensinamos às nossas crianças, que são as futuras gerações, é uma forma de manter viva a memória e a sabedoria dos nossos antepassados. Os conselhos e ensinamentos dos mais velhos são fundamentais para a continuidade da nossa cultura. A importância desta pesquisa está em mostrar às crianças que a cerâmica fez e faz parte da nossa identidade. Durante o processo, nosso avô Narciso Kazoiza compartilhou suas histórias e saberes por meio da oralidade, e as crianças participaram desde o início, aprendendo com alegria e curiosidade em diferentes espaços de nossa aldeia. O processo de ensinamento e aprendizado está em todo lugar de nossas aldeias, no pátio, no rio, nas brincadeiras, nas caminhadas com os pais e avós. É nessas vivências que elas aprendem a respeitar nossa cultura, nossa língua e nossa maneira de viver. Quando acompanham os avós, aprendem os nomes dos rios, dos peixes, dos animais, dos frutos do cerrado e das plantas. São esses momentos simples que formam a base da nossa educação indígena, que começa dentro de casa, desde os primeiros passos da criança.

Com esta pesquisa sobre a cerâmica *Haliti*, eu pude mostrar que podemos trabalhar na escola de várias formas com os conhecimentos voltados à nossa cultura. O barro é uma dessas possibilidades, pois tudo o que coletamos da natureza é um material de aprendizagem. As crianças aprendem de forma natural, observando, fazendo e ouvindo. E esse aprendizado se torna ainda mais significativo quando é feito na nossa língua materna, porque é por meio dela que mantemos viva a alma e a força do nosso povo *Haliti-Paresi*.

Assim finalizo minhas reflexões, reafirmando meu compromisso com a continuidade dessa caminhada, porque essa pesquisa não termina aqui: ela segue nas mãos das nossas crianças, que são o futuro e a esperança do nosso povo *Haliti-Paresi*. Que elas cresçam sabendo que aprender com os anciãos e anciãs é também reinventar o amanhã, e que a cerâmica, moldada com o barro, água e memória, continue sendo símbolo da resistência e da beleza do nosso modo de ser *Haliti*.

## 6 REFERÊNCIAS

BARTOLOMÉ, Miguel Alberto. **As etnogêneses:** velhos atores e novos papéis no cenário cultural e político. *Revista de Antropologia*, v. 49, n. 1, 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil 1998.** Brasília, 1997.

BRASIL. **Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar.** Brasília: MEC/SEF/DPEF, 1994.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB.** 9394/1996.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica.** Resolução CNE/CEB nº 5, de 22 de junho de 2012. Brasília, Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, 25 de junho de 2012, Seção 1, p. 7.

FRANCO, Maria Amélia do Rosario Santoro. **Prática pedagógica e docência:** um olhar a partir da epistemologia do conceito. *R. Bras. Est. Pedag.* [online]. 2016, vol.97, n.247, pp.534551. ISSN 2176-6681. <https://doi.org/10.1590/S2176-6681/288236353>.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo, SP: Autores Associados: Cortez, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al *desarrollo* de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (orgs.). **El giro decolonial.** Bogotá: Siglo del Hombre, 2007.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais / desenhos globais:** colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

RONDON, Candido Mariano da Silva. **Historia Natural:** Ethnographia. Comissão das Linhas Telegraficas Estrategicas do Matto Grosso ao Amazonas, Anexo N. 5 Rio de Janeiro: Papelaria Luiz Macedo, 1910. Disponível em: <http://etnolingustica.wikidot.com/biblio:rondon-1910-ethnographia>

## 6.1 MESTRES *Haliti-Paresi*

KAZOIZA, Narciso. (Fonte Oral) **Saberes sobre a cerâmica Haliti-Paresi.** Terra Indígena Paresi, aldeia Quatro Cachoeiras, Tangará da Serra-MT, 2025.

ZOLOIZORE, Carlos Eduardo Zoloizore. (Fonte oral) **Histórico sobre o povo Haliti-Paresi.** Terra Indígena Paresi, aldeia Quatro Cachoeiras, Tangará da Serra-MT, 2025.

ZOMOIZOKAERO, Rosinha. (Fonte Oral) **Saberes sobre a cerâmica Haliti-Paresi.** Terra Indígena Utiariti, aldeia Vale do Rio Papagaio, município de Sapezal-MT, 2025.

**APÊNDICE****GLOSSÁRIO *HALITI*-PORTUGUÊS**

Abali - peneira

Ahoty - estrada

Ani - moribundo

Arrezomare – nome próprio

Atyatse - frutinha

Awo kahini - garovinha

Eakere - assim

Hakeratya - fazer a queima

Halitemokotsenae - as crianças

Haliti - gente

Halotemokotse - a menina

Haloti - mulher

Halyare niye - flor da árvore

Hatema - corre

Hatemahotya - vai correndo

Hati - casa

Hatita - um

Hatona - andar

Hatonahotya - caminhar

Hezoizokemairose – nome próprio

Hitsomehena - fazer

Hotxikere - alaranjado

Idikati - fogo

Ime - capim

Itsodi - fruta do buriti

Itsoe - buriti

Itsoekate - pé do buriti

Kamohetse iyomehero - argila branca  
Katolo - babosa do brejo  
Katolokate - pé de babosa  
Katxiniti - nome subgrupo  
Kawali - nome subgrupo  
Kazoiza – nome próprio  
Ketere - misturado  
Kidyakare - animais  
Kohitseti - mato  
Koho - xire  
Koloho - floresta  
Katolo - babosa do brejo  
Kozarene - nome próprio  
Maizokamaero - nome próprio de mulher  
Makowa - juó  
Menetse mokotse zaidya - pintura de filhote de sucuri  
Mowitsati - lenha  
Ohitsa kate – pé de morcegueira  
Ohitsa - morcegueira  
Ohitsatyatya- casca da morcegueira  
Omati tahi – história sobre a arte  
Omati- arte  
One - água  
Oneza - dentro do rio  
Tawalore - roxo  
Tinihaliti-moti - panela de barro  
Tiwehe - cinza do fogo  
Tsehali - pedra  
Txikere - amarelo  
Waikohe iyomehero - terra branca  
Wakehe - mistura forte

Wakero - nossa tia

Wamolo - cachoeira

Warere - nome subgrupo

Wata Matseze - jatobá do campo

Watiha - pomba

Watonare - andando

Watyokoe - nosso avô

Waymare - nome subgrupo

Weta - de manha

Wiyala - vamos

Zekohatsetimokotse - liderança jovem

Zoimanae - crianças

Zoloizore - nome próprio

# CATÁLOGO DE CERÂMICA HALITI-PARESI

Leidenira Hezoizokemairo



PPGECII/UNEMAT  
2025

# Tinihaliti



Panela de barro encontrada em território Haliti-Paresi, em 1998.  
Acervo: Nalva Maizokero

## Apresentação

Este catálogo, intitulado: "Cerâmica Haliti-Paresi" foi elaborado com o objetivo de valorizar e registrar os conhecimentos tradicionais do nosso povo sobre a arte cerâmica, especialmente, a arte de fazer panelas de barro. Ele foi produzido durante o período de minha pesquisa de mestrado profissional, como proposta de produto educacional.

A cerâmica, para nós Haliti, sempre foi mais do que um simples objeto de uso cotidiano, ela carrega nossa história, nossos ensinamentos e nossa relação com a terra. Com o passar do tempo e o contato com os não indígenas, o uso da panela de barro foi diminuindo em nossas aldeias, sendo substituído pelas panelas de alumínio. Porém, os anciãos e as anciãs sempre guardaram na memória esse saber, o que despertou em mim, retomar essa prática ancestral, que faz parte de nossa identidade cultural. É uma produção que nasce do diálogo com nossos mais velhos, que são nossos livros vivos, em articulação com minha prática pedagógica desenvolvida na escola indígena da Aldeia Quatro Cachoeiras. Cada etapa, desde a coleta do barro até a modelagem e nomeação dos objetos em nossa língua materna Haliti, foi realizada com respeito, escuta e aprendizado coletivo.

O catálogo é, portanto, um registro e, também, um convite: que nossas crianças e jovens possam continuar aprendendo com o barro, com a palavra e com a sabedoria dos nossos anciãos e anciãs, fortalecendo nossa língua, nossa cultura e nossa maneira Haliti de viver e ensinar.

Desejo que este livro, em forma de catálogo, sirva como material de apoio didático em nossas escolas indígenas, e contribua para o fortalecimento de nossos saberes ancestrais.

Outubro de 2025.

A autora.

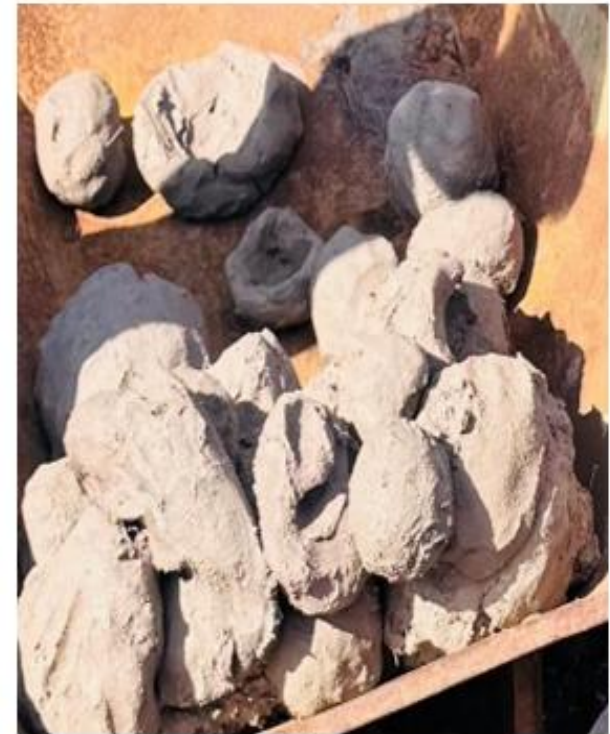
## Matéria-prima utilizada na confecção da cerâmica



Uhitsa (Casca de morcegueira)



Katolo (Babosa do brejo)



kamohetse  
iyomehero(Barro)

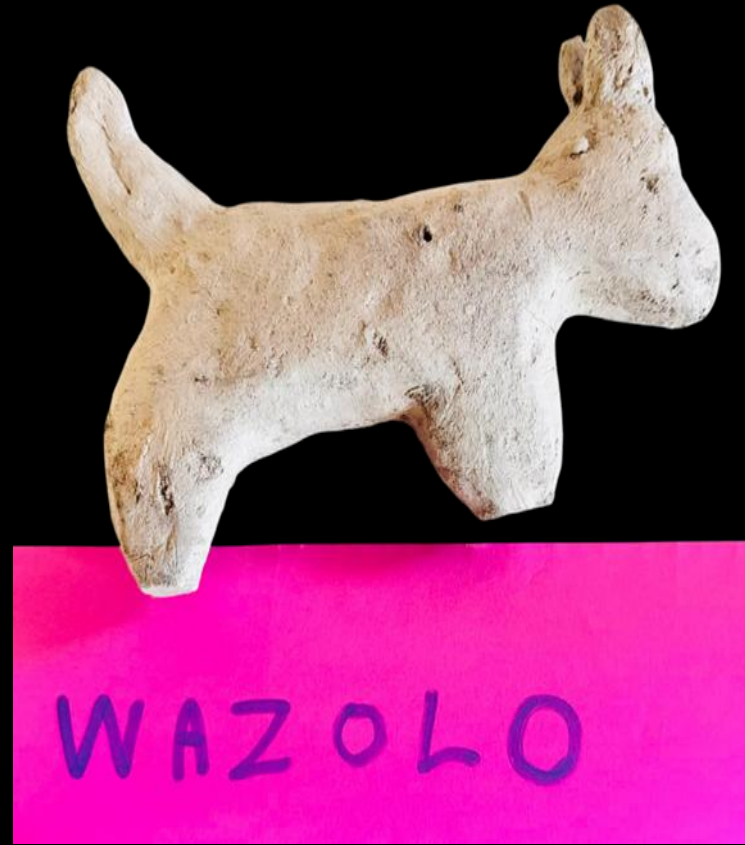
*"Em toda região aqui tem pedaços de panela de barro para fazer, só basta querer e interesse e resgatar, não adianta pegar qualquer coisa e fazer omati (pote de barro) tem que misturar bem até ficar com uma consistência boa para fazer. Ele até pode ficar bonito, mas quando fazer o processo de queimação, ele pode rachar ou quebrar tudo, por quê? Porque tudo tem seus ingredientes certos, assim como os não indígenas usam as massas para fazer os prédios, por exemplo, tudo tem seus ingredientes certos, então, é assim mesmo, a panela de barro. Pode fazer fogo à vontade, não vai acontecer nada com a panela, porque a babosa do brejo cozinha e dá muita resistência à panela do barro." (Narcísio Kazoiza)*

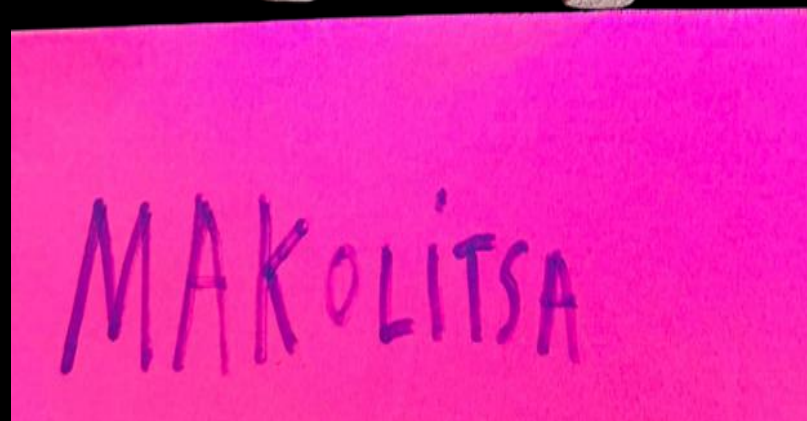
**Mistura dos três ingredientes:** barro, cinza da casca de morcegueira e a seiva da babosa do brejo.



Nosso jeito de fazer arte











HATI



KOHATSE



HATI



KOHATSE



WAZOLO



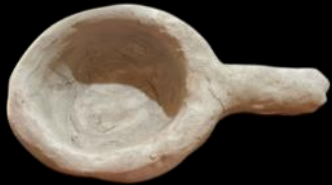
**MAKOLITSA**



OWI



# OMATINAE





Tinihaliti



Erakakalati



Onezomokakala



Onezomokakala kidyaneze



Erakakalati kidyaneze



Onekolatyakala



Omakakalati



Omakakalati kajiholere

# PROPOSTA DE ATIVIDADE COM A CERÂMICA

## 1. Tema Gerador: Saberes e fazeres da cerâmica Haliti-Paresi

## 2. Justificativa

O catálogo *Cerâmica Haliti-Paresi* foi elaborado com o propósito de valorizar e registrar os conhecimentos tradicionais sobre a arte de fazer painéis de barro, saber ancestral que expressa a história, a espiritualidade e o modo de viver do povo *Haliti*. Nas escolas de nossas aldeias, o uso desse material, como recurso pedagógico, fortalece a identidade cultural, promove a escuta dos mais velhos e incentiva o uso da língua materna *Haliti* em situações reais de pesquisa e aprendizagem. Esta proposta busca integrar o conhecimento tradicional e o ensino escolar, permitindo que as crianças e jovens aprendam com o barro, com a palavra e com a sabedoria dos anciãos e anciãs.

## 3. Objetivo Geral

Valorizar e registrar os conhecimentos tradicionais da cerâmica *Haliti-Paresi*, por meio de atividades de pesquisa, escuta dos anciãos, uso da língua materna e práticas pedagógicas que unam arte, cultura e território.

## 4. Objetivos Específicos

- Pesquisar com os anciãos e anciãs o processo tradicional da cerâmica *Haliti*;
- Promover a oralidade e a escrita na língua materna *Haliti* durante as atividades;
- Produzir registros bilíngues (*Haliti*-Português) sobre o processo de produção das panelas;
- Estimular o respeito e o diálogo entre gerações;
- Criar materiais pedagógicos complementares ao catálogo.
- Desenvolver a consciência cultural e ambiental sobre o uso do barro e sua relação com a terra.

## 5. Assuntos a serem trabalhados

- Cultura material e imaterial *Haliti*-Paresi: a cerâmica tradicional;
- Léxico temático em língua *Haliti* (objetos, ferramentas, etapas do processo);
- Pesquisa oral e registro etnográfico (entrevistas, observação, anotações, desenhos);
- Arte e identidade: o fazer com o barro;
- Sustentabilidade e relação com a natureza.

## 6. Metodologia

A proposta será desenvolvida na perspectiva etnográfica, em que os estudantes pesquisam, observam e participam ativamente dos processos culturais da comunidade. Os anciãos serão convidados como mestres da tradição, e os estudantes atuarão como jovens pesquisadores.

A língua *Haliti* será priorizada nas conversas, entrevistas e registros, fortalecendo a oralidade e o letramento indígena

## 7. Etapas e Atividades

### Etapa 1 – Escuta e Memória dos Anciãos

- Realizar entrevistas e rodas de conversa com os mais velhos sobre a cerâmica tradicional;
- Registrar as falas em áudio e caderno de campo (*Haliti* e português);
- Produzir textos com trechos das narrativas orais.

### Etapa 2 – Observação e Registro da Prática

- Acompanhar as etapas da confecção da panela: coleta do barro, amassamento, modelagem, secagem e queima;
- Registrar com fotos, desenhos e anotações;
- Elaborar um diário visual bilíngue com legendas.

### Etapa 3 – Estudo Linguístico e Glossário

- Levantar o léxico tradicional da cerâmica em língua materna *Haliti*.
- Criar um glossário temático ilustrado para anexar ao catálogo.

### Etapa 4 – Interpretação Cultural e Reflexão

- Leitura compartilhada do catálogo *Cerâmica Haliti-Paresi*;
- Roda de conversa sobre o significado espiritual e simbólico do barro;
- Produção oral e escrita: "O que aprendi com os anciãos sobre o barro."

## Etapa 5 - Criação e Exposição

- Oficina prática: produção de pequenas peças de barro inspiradas nas tradições aprendidas;
- Preparar uma exposição escolar com as peças, fotos e textos bilíngues;
- Título sugerido: *Aprendendo com o barro e com a nossa língua materna Haliti*.

## Etapa 6 - Sistematização da Pesquisa

- Organização dos registros (textos, fotos, vocabulário, reflexões);
- Produção coletiva de um mini catálogo escolar: *Catálogo dos estudantes Pesquisadores Haliti-Paresi*.

## 9. Recursos Didáticos

- Catálogo *Cerâmica Haliti-Paresi*;
- Gravador ou celular para registro de áudio;
- Caderno de campo, lápis, papel, tintas naturais;
- Barro, água, ferramentas tradicionais;
- Câmera fotográfica (ou celular);

- Materiais para exposição

## 10. Avaliação

A avaliação será processual e participativa, considerando:

- o envolvimento nas atividades de pesquisa;
- o respeito e escuta aos anciãos;
- a participação nas rodas de conversa e oficinas;
- o uso da língua materna Haliti;
- a qualidade dos registros produzidos (textos, desenhos, fotos, glossário);
- o trabalho coletivo na organização da exposição e do mini catálogo.

## 11. Resultados Esperados

- Fortalecimento da língua e cultura *Haliti-Paresi*;
- Ampliação do vínculo entre escola, comunidade e território;
- Produção de materiais didáticos bilíngues e autorais;
- Formação de estudantes pesquisadores e guardiões da memória;
- Valorização dos anciãos como mestres e transmissores do conhecimento tradicional.

## 12. Possibilidades de Ampliação

- Integração com outras aldeias Haliti-Paresi para intercâmbio de saberes;
- Produção de vídeos ou podcasts educativos em língua materna *Haliti*;
- Inserção do tema em projetos interdisciplinares de Arte, Língua e História.

Esta proposta pedagógica propõe que o catálogo *Cerâmica Haliti-Paresi* não seja apenas um registro, mas um instrumento vivo de pesquisa e ensino, que une terra, língua e sabedoria ancestral. Ao aprender com o barro e com os anciãos, as crianças e jovens *Haliti-Paresi* reafirmam sua identidade e fortalecem a continuidade dos saberes que moldam o modo *Haliti* de viver e ensinar.

## Turma de alunos(as)



Edimara Crislaine Anezokero  
Gabriel Jesus Ezenazokemae  
Hevellyn Yasmine Nenezokaero  
Maria Isabel  
Nauani Gabrielly  
Loiane Eduarda Nozoikero



Professora Leidenira Hezoizokemairo

Ancião Narciso Kazoiza

*“Antigamente as mulheres que faziam omati para carregar água,  
elas faziam de vários tamanhos.*

*Minha finada mãe me contava tudo isso,  
e meu avô também contava como era feito,  
até hoje lembro, eu lembro.”*

*(Narciso Kazoiza)*

## REFERÊNCIAS

KAZOIZA, Narciso. (Fonte Oral) Saberes sobre a cerâmica Haliti-Paresi. Terra Indígena Paresi, aldeia Quatro Cachoeiras, Tangará da Serra-MT, 2025.

ZOMOIZOKAERO, Rosinha. (Fonte Oral) Saberes sobre a cerâmica Haliti-Paresi. Terra Indígena Utiariti, aldeia Vale do Rio Papagaio, município de Sapezal-MT, 2025.



## Cerâmica Haliti-Paresi

**Autora: Leidenira Hezoizokemairo**

**Orientadora: Profa. Dra. Mônica Cidele da Cruz**

